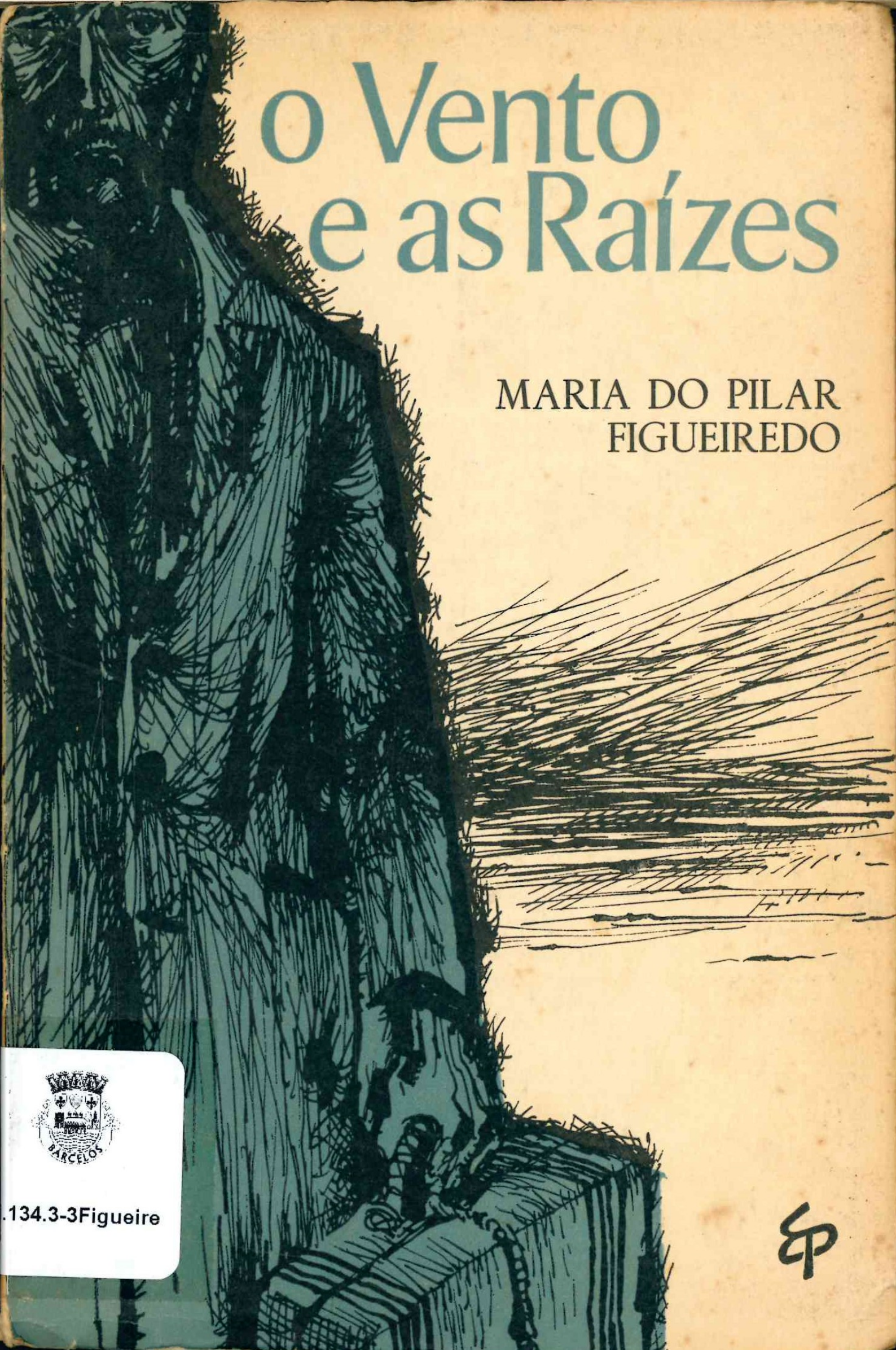




o Vento e as Raízes

MARIA DO PILAR
FIGUEIREDO



.134.3-3Figueire

EP



**MARIA DO PILAR TEI-
XEIRA DA SILVA ANDRA-
DE FIGUEIREDO** nasceu
em Couto de Cambeses, con-
celho de Barcelos, e reside
no Porto, onde trabalha.

Concorreu, pela primeira
vez, em 1966 aos Jogos Flo-
rais de Viana do Castelo
e obteve o 1.º prémio no
Conto. Em 1969 foi sua «a
melhor carta da semana»,
iniciativa do *Diário Popular*
destinada a divulgar as
terras portuguesas: Cambe-
ses foi o tema escolhido por
Maria do Pilar. Cambeses,
centro migratório, será tam-
bém motivo para o conto
«Maria-Maria», com que par-
ticipou este ano no Concurso
de Contos do mesmo jornal
e pelo que foi mais uma vez
galardoadada.

Além do conto, Maria do
Pilar tem-se dedicado princi-
palmente à reportagem e à
crónica, e os seus trabalhos
têm sido publicados no *Diá-
rio Popular*, *Jornal de Bar-
celos*, *Comércio de Leixões*,
Revista Portugal d'Aquém
e *d'Além-Mar*, *Revista Oli-
va*, etc.



F I C Ç Ã O

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

O VENTO E AS RAÍZES

HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO



Barcelos
Penn.

C. M. B.
BIBLIOTECA

EDIÇÕES PANORAMA

Prémio de Revelação — Prosa
S. E. I. T., 1971

52072

O COMBOIO CORREIO

Terra de verde e azul, esta terra produtiva. Terra que dá pão. Terra que tem muita gente para tão pouco pão. Por isso os homens abalam. Abalam, não só pelo pão mas também porque outros abalaram já e voltaram, de fugida, a ostentar automóvel, maços de notas, malas cheias de lembranças.

Há sol e verdura. Há água que canta sob o céu azul-azul. Há lares vazios de homens que tardam em chegar. Há lares cheios da presença dos que regressam, embora por pouco tempo.

Vagueando no verde-verde, há o menino. Menino-à-toa que brinca com o sol, com a água; menino que olha, a espaços, as nuvens que tentam encobrir o sol; menino que escuta, ansioso, o rolar dos comboios, lá em baixo, na via férrea, controlando o tempo à espera da hora que lhe trará o comboio correio, o comboio que traz «franceses», o comboio que lhe há-de trazer o pai.

Menino-à-toa de olhos matreiros e sonhadores no rosto crestado por sóis e geadas. Menino-à-toa que todo o dia correu, de pés nus, por caminhos e congostas, saltita, agora, ao longo do carreiro que ladeia a via férrea.

Menino-à-toa está ansioso. Olha, por momentos, as borboletas que esvoaçam por cima das giestas que crescem na ribanceira ali, ao lado do carreiro. Pára por momentos. Corre de novo. Saltita, ora num pé, ora noutro.

Quando entra no apeadeiro da aldeia vai quase a arfar. Abeira-se do abrigo da gare. Olha o longe. Olha, depois, o empregado que ainda não pegou nas bandeiras de sinalização nem na caixa de petardos, nem na corneta, nem sequer fechou ainda as cancelas da passagem de nível. Olha o longe, de novo, aguarda.

Menino-à-toa observa, escuta, espera. Inquieto e ansioso.

Menino-à-toa vem todos os dias àquela hora esperar o comboio correio, da tarde, o mesmo que um dia trouxe, de longe, o pai do Zé, um pai diferente, vestido de maneira esquisita, que se divertia dizendo palavras que ele jamais ouvira ali na aldeia, que se ria ao desembrulhar, lentamente, um automóvel que trouxera para o Zé, um automóvel de corda como nunca outro se vira.

A tarde está a findar. Menino-à-toa recorda. Lembra-se do dia em que o pai partiu:

— Pai, quando vier traz-me um automóvel maior que o do Zé?

— Trago.

— E vermelho?

— Como a crista do galo pedrês! ...

O Pai ri. Menino-à-toa ri. Só a Mãe não ri. Nunca mais riu.

Menino-à-toa não conhece ainda as horas no relógio, mas sabe, pelo sol e pela passagem dos outros comboios, a hora do comboio que lhe há-de trazer o Pai.

Por isso, está agora suspenso dos gestos do encarregado do apeadeiro. Bebe-lhe as palavras, ditos no telefone, espia-lhe os gestos mais simples, escuta, ansioso, o apitar língüquo da locomotiva.

Quase lhe doem os olhos de tanto fitar a linha férrea que desponta, ao longe, na Bouça do Rio.

De vez em quando, interpelam-no:

— Vai para casa, nino.

— Estou à espera do Pai ...

— Vai para casa, anda. Vai, que se está a fazer tarde.

— O comboio está a chegar. É só mais um niquinho ...

Menino-à-toa, sentado no muro, baloiça as pernas suspensas. O seu olhar é inquieto. Inquieto à espera do Pai, que lhe prometeu um automóvel vermelho, mais vermelho que a crista do galo pedrês (o do Zé é cinzento e já está velho).

Imagina como vai ser bom quando os companheiros o virem com o automóvel, ele que só tem carros de bois feitos de abóbora velha ou de casca de pinheiro.

Todos virão olhar o automóvel e lhe pedirão para brincar um niquinho com ele. Menino-à-toa de calças rotas e monco no nariz será o mais importante de todos os meninos da aldeia. Muito mais importante do que o Zé, agora.

Os seus pensamentos cessam de repente. Tudo o que o cerca desaparece. O sangue pulsa-lhe mais rápido. O comboio apita ali perto e aparece, por fim, na Bouça do Rio.

Menino-à-toa esgueira-se por entre as pessoas que se aprestam nervosamente para embarcar. O comboio vem resfolegando cada vez mais, encosta acima. Pára. Gente que entra, gente que sai. Gente com sacos, com malas. Gente de mãos vazias. Os homens de boné com as palavras e os gestos que ele sabe de cor. A locomotiva que respira ruidosamente ao curto tempo de paragem. O maquinista atento aos gestos do guarda-freio.

Conhece já todos esses sons e esses rostos que a horas certas ali passam. Conhece os ferroviários, as locomotivas, as carruagens desengonçadas.

Os olhos do menino examinam, agora, ansiosos, os rostos dos que desceram.

Da cauda do comboio vem o sinal de partida, logo secundado pela estridência do apitar da locomotiva, que quase lhe fura os tímpanos.

Menino-à-toa segue com o olhar o comboio que vai deixando a gare, lentamente. Sente-se traído. O Pai prometeu que lhe havia de trazer um automóvel vermelho. Vermelho como melancia madura.

O riso do Pai, o rosto sério da Mãe, o automóvel vermelho, baralham-se-lhe na memória. Sente vontade de atirar pedras contra o comboio, que não lhe trouxe o Pai.

Alguém olha-o e diz:

— Vai para casa, menino! Olha a tua mãe ...

— A Mãe sabe.

— Coitadinho! Deixam andar por aqui estas crianças ... à toa ... É assim que elas se dão! Pois é ...

Menino-à-toa não escuta. Os seus olhos são de desencanto. Mete pelo carreiro do monte, direito a casa. O sino já badalou Trindades.

Zé vem de lá, acirrando-o:

— Teu pai não veio! ... Teu pai não veio! ... Teu pai não veio! ...

Engalfinham-se. Esgatanham-se. Rasgam-se. Chega a casa a manquejar. Sente-se infeliz. Quer fazer queixa à Mãe. Aninhar-se junto dela. Consolar-se.

Os seus olhos são de desencanto. Mas a Mãe não os vê. Vê apenas a camisa rota, as calças mais esgaçadas ainda, por andar à toa por caminhos e congostas. Apanha dois tabefes. Acaba sempre por apanhar.

Menino-à-toa senta-se a um canto, afogado em soluços. As lágrimas lavam-lhe o rosto encardido.

A Mãe bateu mas não é só por isso que o menino chora. Chora pelo Pai, que não vem. Chora porque quer que o Pai seja o «Francês da Agra de Cima» e lhe traga um automóvel vermelho e umas calças macias como as que o Zé leva à missa aos domingos.

Já está escuro, lá fora. O irmão, que mal sabe falar ainda, brinca a um canto com bogalhos e bolotas secas. A irmã assopra ao lume. O mais novinho rabuja no berço.

A Mãe vem do coberto com um braçado de lenha. O rosto da Mãe é fechado. A Mãe agora não fala. Nem canta para adormecer o Lininho. A Mãe, agora, trabalha muito. Trabalha no rio, na casa da professora nova, nos campos dos outros. Trabalha mais. Muito mais. Muito mais que antigamente. Agora só lhes dá caldo à noite. Arroz só aos domingos.

— Mãe. O Pai quando vem?

No silêncio da cozinha mal iluminada, a voz do menino soa estranha. Debruçada sobre a lareira, a Mãe não responde. Endireita-se lentamente e vai buscar as tigelas ao louceiro. Alinha-as no chão da lareira. Enche-as de caldo.

— Come.

Menino-à-toa hesita por segundos entre insistir na pergunta e começar a comer. Resolve-se pela segunda.

O irmão choraminga de sono. A Mãe pega-lhe ao colo e vai deitá-lo na cama grande, onde a Mãe dormia com o Pai.

«Por que será que o Pai não vem?» Ainda ontem Ti Antone, seu padrinho, que também é «francês», veio falar com a Mãe e os olhos dela estavam vermelhos de chorar. Tão vermelhos como quando morreu a avó Ana.

Menino-à-toa esquece-se do caldo a esfriar na tigela.

A Mãe volta para a cozinha. Tem gestos impacientes. Olha-a intimidado e recomeça a engolir o caldo de couves e feijão moleiro.

Os olhos do menino-à-toa são de desencanto. Agora são sempre assim, àquela hora. São-no ainda pela manhã.

Depois, vão ganhando uma luz cada vez mais viva a aguardar a hora do comboio correio que lhe vai trazer o Pai. O Pai e o carro vermelho. Mais vermelho que a crista do galo pedrês.

Por isso o menino corre à toa pelos caminhos da aldeia, ansioso de que o dia passe o mais depressa possível e a hora do comboio chegue finalmente.

O comboio e o Pai. O Pai e o automóvel vermelho, mais vermelho que a crista do galo pedrês.

VIA DOLOROSA

No alto da encosta um milhafre estendeu preguiçosamente as asas. Depois sacudiu-se e levantou voo descrevendo grandes círculos sobre o vale, onde flores silvestres irrompiam por todos os lados. No céu azul, um sol a arder entornava lá do alto torrentes de oiro transformando a montanha num mar de luz.

Pelas encostas, folhas humildes retinham, ainda, gotas de orvalho que o sol irisava e as carquejas rasteiras e ásperas pareciam mais macias à luz da manhã que despontara fulgurante.

Era toda uma alegria que se revelava na vegetação, na limpidez do ar, no voo das aves e dos insectos. Todo um conjunto grandioso, duma grandiosidade mística na paisagem, ora macia, ora descarnada e empolgante.

Até os contrafortes, de ordinário ásperos e medonhos, eram agora duma serenidade majestosa a exhibir-se em toda a sua imponentia, parecendo aguardar serenamente os homens que lutavam por vencer a ingremidade.

Mas a alma desses homens — pequenos pontos negros na encosta gigante — não estava livre para fruir o esplendor da manhã. Calados, os corpos inclinados para a frente, olhos atentos às agruras do chão, iam trepando a montanha serena na sua nudez milenária.

Longas horas se tinham passado desde que o velho camião os deixara na estrada que levava à serra, a todo

aquele conjunto de paisagens violentas, e, desde então, tinha sido sempre assim: — ora por brenhas e chavascais, ora saltando valados e muros de pedra solta, tropeça aqui, levanta acolá... Embora afeitos a caminhadas, os pés encolhiam-se doloridos dentro das botas. Sentiam a garganta cada vez mais seca e os olhos procuravam inutilmente um lugar onde pudessem repousar, defendidos do sol que flamejava cada vez com mais fúria.



Encostados às paredes da caverna, os homens, aguardando a noite, repousavam enfim. Abertas as trouxas, petiscavam em silêncio, sem apetite, olhando de revés o guia, numa espécie de rancor porque ele os amesquinhava, porque ele lhes levava já uma parte do que ciosamente guardavam durante anos — a pequena casa, o cordão da mulher, todos os pinheiros àqueles que possuíam, ainda, um palmo de pinhal.

Breve o repasto terminara, e agora que nada mais tinham a fazer, encostados às paredes, chapéu sobre os olhos, deixavam-se cair numa sonolência desconfortante que não proporcionava aos corpos moídos o descanso desejado.

Só Zé do Bacelo não conseguia dormir. Sentia todo o corpo dorido e os olhos ardiam-lhe, inflamados pelo frio da noite e pela poeira dos caminhos.

Por momentos, pensou na casa. A ideia de se estender no grosseiro colchão de palha e cobrir-se com as velhas mantas encardidas, parecia-lhe, mais que nunca, duma enorme e feliz comodidade. Involuntariamente, desejou regressar a casa, ao caldo de couves, às batatas cozidas, à intimidade da cozinha negra e fumarenta, ao sol da sua aldeia, o primeiro sol da sua vida, e que lhe fazia nascer já uma saudade esquisita, saudade de coisas indefinidas que não saberia explicar.

A tarde subia lentamente. Alguns desistindo de dormir, trocavam entre si frases curtas, baixando a voz. Mas Zé do Bacelo não tinha vontade de falar. Continuava voltado para dentro, para o cofre das recordações que aí permaneciam cada vez mais nítidas, intocáveis e verdadeiras.



Já o sol caía por detrás das montanhas, quando começaram os preparativos para a nova etapa.

De olhos postos no guia, ouviam as últimas instruções: — «Ouvidos alerta e olhos bem abertos!» «Se eles nos descobrem, é meia dúzia de balázios ...».

Haviam-se erguido penosamente e, de pé, permaneciam encostados uns aos outros, lutando por disfarçar o medo que os invadia e lhes esbugalhava os olhos vermelhos e inchados por aquele sono incómodo, feito a desoras.

Lá para as bandas do poente, o sol já se afogara num mar acobreado. O lusco-fusco apardaçara o vale e o ar era cada vez mais áspero e penetrante. De longe em longe, um pássaro atrasado cortava o ar num voo rápido buscando abrigo. As nuvens para os lados do poente tinham perdido já os últimos laivos avermelhados, e um ténue nevoeiro começava a rolar pela serra, até ao vale. Um negrume acinzentado invadira a montanha como que a disfarçar as formas da penedia e das escarpas, enquanto o ar esfriava cada vez mais.

— Toca a andar e nada de paleio! — ordenou o guia.

Sem palavras, todo o bando o seguiu dócilmente. Lá no alto, estrelas principiavam a cintilar risonhas por sobre as morros que emergiam contra o céu pardo, como colossos ameaçadores, mas eles, atentos ao chão que pisavam, nada mais viam. Tudo era silêncio, um silêncio frio que, como o vento, lhes invadia o peito e lhes mordida a pele através da roupa coçada.

Agora, a um penedo sucedia-se outro penedo e nesse contínuo desfilar de dorsos recortados e maciços mal enxergavam o caminho, onde cada passo se tornava cada vez mais doloroso.

A neblina, que em farrapos ainda há pouco corria por sobre o cume das serras, era agora mais espessa rolando em direcção ao vale. Em breve, tudo era nevoeiro a cercá-los como muros que se abriam para lhes dar passagem e logo se fechavam. Os seus olhos estavam cheios do negrume baço e espesso como uma fumaceira, e o vulto do guia, a caminhar à frente deles, parecia diluir-se, todo névoa.

Lentamente, iam atingindo encostas e píncaros de onde os próprios lobos haviam fugido.

O frio aumentava à medida que iam vencendo a ingremidade do terreno. Os pés tropeçavam no piso incerto, forçando-os a lutar por manter o equilíbrio. Tinha sido uma sorte, dissera o guia, aquele nevoeiro a ocultá-los da vigilância dos guardas, e eles sentiam-se gratos ao nevoeiro que lhes tornava o caminho mais difícil. As mãos, que seguravam as pequenas trouxas, iam enregelando, a doer cada vez mais, naquele frio que lhes perfurava os ossos tornando os dedos encortçados, inertes e tão hirtos como se não possuíssem articulações.

Uma aragem, leve a princípio, começou a varrer a neblina tornando a noite menos densa. Era um vento que, embora moderado, trazia consigo todos os frios do norte. A serra continuava povoada de rochedos e o cume da montanha parecia cada vez mais alto, mais arrogante, como se se tivesse multiplicado.

Fragas hirsutas pareciam ameaçar os homens afeitos à suavidade das veigas minhotas, os quais jamais haviam deparado com montanhas assim nuas, desertas, abandonadas, como terra de morte e onde a aragem, crescendo sempre de intensidade, entoava uma espécie de lamento cada vez mais forte e prolongado até se transformar num

desespero errante que enchia a alma da noite de lúgubres presságios, mantendo-a num contínuo estarrecimento.

As horas escoavam-se penosamente, enquanto os homens marchavam açoitados, encolhidos, lutando contra o vento, que passava em zumbidos e lhes entrava pelo pescoço e se lhes metia pelas orelhas enchendo-lhes a cabeça de estranhos ruídos.

Para se defenderem procuravam marchar de cabeça vergada, o chapéu enterrado até às orelhas, mas o vento, maldoso, infiltrava-se nas roupas como se quisesse arrancar-lhas, batia-lhes no rosto e nas mãos que seguravam a trouxa, cortante como gume de navalha, ora abrandando, ora alteando-se em rugidos profundos pela encosta. Crescia e diminuía de intensidade e, se acaso cessava completamente, lá ficava o frio imóvel a envolvê-los, a penetrar-lhes a pele até aos ossos, como um estilete. Os pés, embora afeitos a caminhos pedregosos, encolhiam-se doloridos dentro das botas e, nalguns deles, bolhas feitas na caminhada da véspera sangravam já.

Recusando-se a desistir, eles continuavam o caminho guardando, avaramente, esperanças fortemente arreigadas, acalentando sonhos que se agigantavam mais fortes que todos os receios, defendendo todo um futuro de abundância e prosperidade.

Caminhavam não como mendigos de voz ferida estendendo a mão, mas sim como lutadores, com armas feitas dos seus projectos, dos seus músculos, do seu sangue, dos seus corpos aptos às mais rudes tarefas.

Só tinham um fim a atingir — a meta onde o mundo se abriria diante das suas esperanças, com horizontes mais vastos que aqueles que, nas suas aldeias, albergaram as suas dores passadas, as suas lutas, os seu fracassos.

Em breve chegariam até onde lhes seria dado (o guia prometera) em troco do seu trabalho, da sua habilidade, muito mais que o pão da sobrevivência.

No silêncio iam visionando aqueles que, de longe em longe, regressavam a passar férias, com o seu automóvel, as suas grandes malas, as suas notas de banco. Também eles haviam, um dia, de regressar com o mesmo ar de triunfadores, o mesmo automóvel, as mesmas notas de banco, as mesmas malas vistosas e pesadas.



As estrelas brilhavam lá em cima como faúlhas de lume e a via láctea, desdobrada, iluminava a terra duma vaga brancura.

Lentamente, um a um, como fantasmas a caminhar na ponta dos pés, começaram a atravessar a linha da raia, sumindo-se na escuridão apardaçada.

Tudo era silêncio.

Silêncio e estrelas, em que eles não reparavam ao caminhar, rastejando por vezes, de respiração suspensa, através da noite, que com seus frios os defendia da vigília dos guardas.

Já todos haviam passado. Faltava apenas Zé do Bacelo. Tacteando o terreno, silencioso, esgueirava-se também, agora, através do tojo e das carquejas ressequidas que lhe magoavam os pés.

Avançava protegido pela escarpa alcantilada, ora infiltrando-se pelas mouteiras, ora rastejando como um sapo, enorme, grotesco. O silêncio era cada vez maior sob um céu onde as estrelas fervilhavam isoladas ou em grupo. Até o vento calara os seus lamentos, parecendo ter suspendido a respiração.

Uma insuportável sensação de perigo torcia-lhe os nervos.

Sentia desejos de retroceder, enquanto o medo lhe punha suores frios a escorrer pela espinhela e o envolvia numa dor quase física. Parecia-lhe escutar o sussurro de

vozes agoirentas de bruxedo e via, como no centro duma névoa, a mulher e os filhos.

Procurava desesperadamente repelir o sentimento de que algo principiava a aluir dentro dele, algo que o desmoralizava já nas suas ambições, na sua vontade antiga de prosseguir. Quando alguma folha seca estalava sob os seus pés, ele ficava subitamente imóvel perscrutando os ruídos da noite e procurando acumular forças que lhe permitissem vencer a distância, o frio e, sobretudo, o medo, através daqueles penhascos e mouteiras que lhe rasgavam as calças e a pele.

Nos seus ouvidos havia agora uma zoeira indefinida que ele não sabia se era do vento ou criada, apenas, dentro da sua própria cabeça.

Uma ave nocturna soltou um pio arrepiante, como um mau agoiro. Sobressaltando-se, tropeçou e esse ruído fez estremecer a noite. Pequenas pedras desprenderam-se, rolando surdamente pela encosta.

Incapaz de dominar a excitação nervosa que o envolvia, endireitou-se subitamente e desatou a correr, protegido pelo cordão de rochedos que o levava até junto do ribeiro, que atravessou atabalhoadamente, na ânsia de se reunir aos que, angustiados, o esperavam já, para lá da raia.

Um tiro ecoou na noite e, aterrorizado, correu ainda um pouco mais até se atirar instintivamente para o solo num arquejar rouco. Ao cair, o braço bateu numa esquina de rocha, causando-lhe uma dor viva.

Grandes nuvens bojudas passaram no céu, tornando a noite mais densa. Um silêncio inquietante recaiu sobre a montanha.

Zé do Bacelo sentiu que alguém lhe puxava por um braço tentando arrastá-lo e ele deixou-se conduzir como um menino desamparado. Rouquejando impropérios, o guia empurrou-o para detrás dos rochedos, fora do alcance das balas, onde os outros o aguardavam já.

Sentou-se, por momentos, a descansar. A respiração era difícil. De repente começou a chorar. Era um choro grotesco, entrecortado pela respiração dificultosa. Alguém obrigou-o a beber um trago de aguardente que lhe pôs ardências na garganta contraída.

Deixou-se ficar, ainda, a gemer, com gemidos abafados, estranhos, que pareciam vir de longe, até que emudeceu. O braço inchava e latejava já com uma dor que parecia sacudir-lhe o corpo todo. Apalpou-o com a ponta dos dedos e a dor aumentou.

Mas o seu rosto, agora, permaneceu rígido como o de uma estátua.



No silêncio da madrugada, lobos uivaram.

Do lado do nascente, sob a estrela-d'alva, distinguia-se uma mancha esbranquiçada que aumentava de minuto a minuto, e, à luz difusa da manhã, descobriam-se já nos rostos dos homens linhas de fadiga, em torno dos lábios secos e dos olhos cada vez mais afundados nas órbitas.

Em obediência ao guia, de cujo saber e experiência dependia a sorte deles, começaram a descer a vertente ao encontro de alguém que os esperava lá longe, no arvoredo.

Entorpecidos, lutando por manter o equilíbrio ao caminhar, arrastavam-se desengonçados, olhos no chão, rugas de preocupação nos rostos tismados onde a barba dura entouçava já. Mal colocando os pés doridos no chão, ora escorregavam no declive do terreno, ora tropeçavam nas asperezas do caminho, inseguros, grotescos, avançando sem pausas, infatigavelmente, silenciosamente, como se cumprissem um destino.

MARIA — MARIA

Maria Ernestina, roliça e brejeira, onde deixaste as cantigas e o teu sorriso no rosto crestado por ventos do norte? E a trança morena enrolada na nuca? E o avental de «nylon» a esvoaçar sobre a saia estreita?

Maria em Paris, criada de hotel, corpo emagrecido, numa bata azul, rosto emoldurado por cabelos curtos, onde é que deixaste as tuas risadas?

Rua Lafayette, Rua S. Quentin, Estação do Norte, Estação do Leste. Hotéis sempre cheios. Agosto ... Setembro ...

Maria em Paris, criada de hotel.

Turistas que chegam. Turistas que partem. Gentes holandesas, belgas, inglesas, alemãs e nórdicas. Sempre a mesma faina ao amanhecer:

Maria que sobe, Maria que desce a escada antiga. Mais um tabuleiro. Mais chá, mais café.

— Voilà, Monsieur! Voilà, Madame. Réveillez, Mademoiselle. Café? Beurre? Thé? — pouco mais precisa dizer para os servir.

— Bonjour, Mademoiselle. Pardon, Monsieur! Oui, Madame. Oh! Oui, oui!

Mais corre a Maria.

Maria ligeira.

Na terra, lá longe, era a Ernestina. 'Nestina da Estrada, 'Nestina da Amélia (Amélia era a mãe). Maria Er-

nestina, nome de baptismo. Mas quem, ali, haveria capaz de bem pronunciar o seu nome? Até as colegas, também portuguesas, lhe chamam Maria. Maria é mais simples. É nome que todos, franceses ou não, conhecem e dizem.

Maria para aqui ... Maria para ali ...

Maria somente.

Cresce a manhã e volta o silêncio ao hotel deserto. Braçados de roupas, camas para fazer, mármore para lavar. Gente que partiu, gente que já chega. *Hôtel complet.*

Ligeiros e fortes, os pés de Maria já não pisam ervas nem a terra humosa. Pisam alcatifas, mosaicos e mármore.

Ligeiras e fortes, as mãos de Maria já não seguram cestos, enxadas ou sogas, nem cortam a erva para os bois gigantes, nem abraçam molhos de lenha para o lume. Abraçam, agora, montes de lençóis ou empunham o pano do pó, o aspirador.

Maria não canta enquanto trabalha, como cantava na faina dos campos, nem fala da vida das gentes da terra, nem solta risadas que o vento levava.

Maria calada.

Passou a manhã, vai a tarde em meio. Sozinha, sentada, sem nada fazer, Maria olha a rua através do vidro da porta do *hall*.

Maria sozinha, recepcionista por breves tempos. Mr. Cantel teve de se ausentar. Se alguém vier, basta entregar a chave. E basta pouco mais. Mr. Cantel foi ao oculista, e por culpa dela, que lhe partiu os óculos. Sem querer, está visto, pois ele, distraído e preocupado em se enfeitar, onde quer os deixa, onde quer os guarda. Loiro e perfumado. Maria não gosta dum tipo assim. Maria não gosta dos seus ademanos, dos seus sorrisinhos, do seu ar melífluo, cordato, simpático, na frente dos hós-

pedes. Que para Maria e para as colegas é ele severo, exigente e duro. Exigente e duro como «Le Patron». Por isso ralhou e admoestou Maria desastrada, boçal, desatenta, Maria imbecil. Maria canhestra.

Maria humilhada.

Dia aborrecido. Plúmbeo, frio. Nem parece de Verão esta neblina baça, pegajosa, que atravessa as roupas e a própria pele. Esta neblina que embacia as casas, os carros, as gentes.

Lá longe, na terra, o sol brilhará. Se acaso chover, é chuva de Verão. Vê, como que num círculo de luz, o dorso vermelho dos bois pachorrentos. Vê os milheirais, as uvas miúdas, as abelhas tontas à roda dos cachos.

Num pequeno esforço, tenta recordar as feições do Tone. Tinha uns olhos negros, no rosto crestado, cabelos revoltos, gestos decididos.

Onde pára o Tone, soldado da Guarda?

Mr. Cantel tarda em regressar. O dia de trabalho está quase no fim e o corpo dorido pede-lhe descanso. Porquê a fadiga, se nos campos verdes o amanhã era duro, o sol violento, o horário mais longo, e ela aguentava?

'Nestina aldeã. 'Nestina corada. 'Nestina garrida.

Maria cansada.

Não tarda que a noite envolva a cidade. Espera-a o metro, depois o comboio até à casa onde habita com a irmã e o cunhado.

Vai cair a noite com mantos de névoa encobrindo o céu. Noites de Verão, mas bem diferentes dessas noites puras que longe deixou, noites transparentes com sapos e ralos cantando e em que os olhos ficavam cheiinhos de estrelas.

Noites de Setembro, noites de folgança e de desfolhada com intrigas de mascarados e o vinho minhoto nas malgas

de barro espumando, roxo, e a sardinha assada e a boroa caseira e o cheiro doce da cana do milho e o som das violas e a 'Nestina a bailar e a 'Nestina a cantar. 'Nestina às risadas ...

Maria saudosa.

'Nestina no vira, no malhão, na chula, pelo S. João, pela Santa Marta ... Não sabe porquê, mas sente que não mais dançará descalça pelos carreiros serranos que levam romeiros para a Abadia, para o S. Bentinho, por todo o Gerês.

Já não será mais 'Nestina da Estrada, 'Nestina da Amélia. Agora é Maria, *mademoiselle* Maria, que bebe *bière*, que corta o cabelo, que usa vestidos e sapatos finos. Agora é Maria, que amealha francos, que de sociedade com a irmã e cunhado comprará um carro, irá de *vacances* ...

'Nestina francesa.

Vacances na Póvoa de Varzim, à beira do mar, passeios de carro pelas romarias, maços de notas para gastar à farta. Para o ano irá, sonha já Maria.

Para o ano irá vestida de seda, calçada do fino, sapato francês. Não mais a chinela. Vestirá à moda, não da sua terra, mas da de Paris. Contará vantagens, grandezas de França. E partilhará com a velha Amélia para que ela passeie e se maravilhe e conte para todos a fartura trazida dessa terra grande chamada Paris.

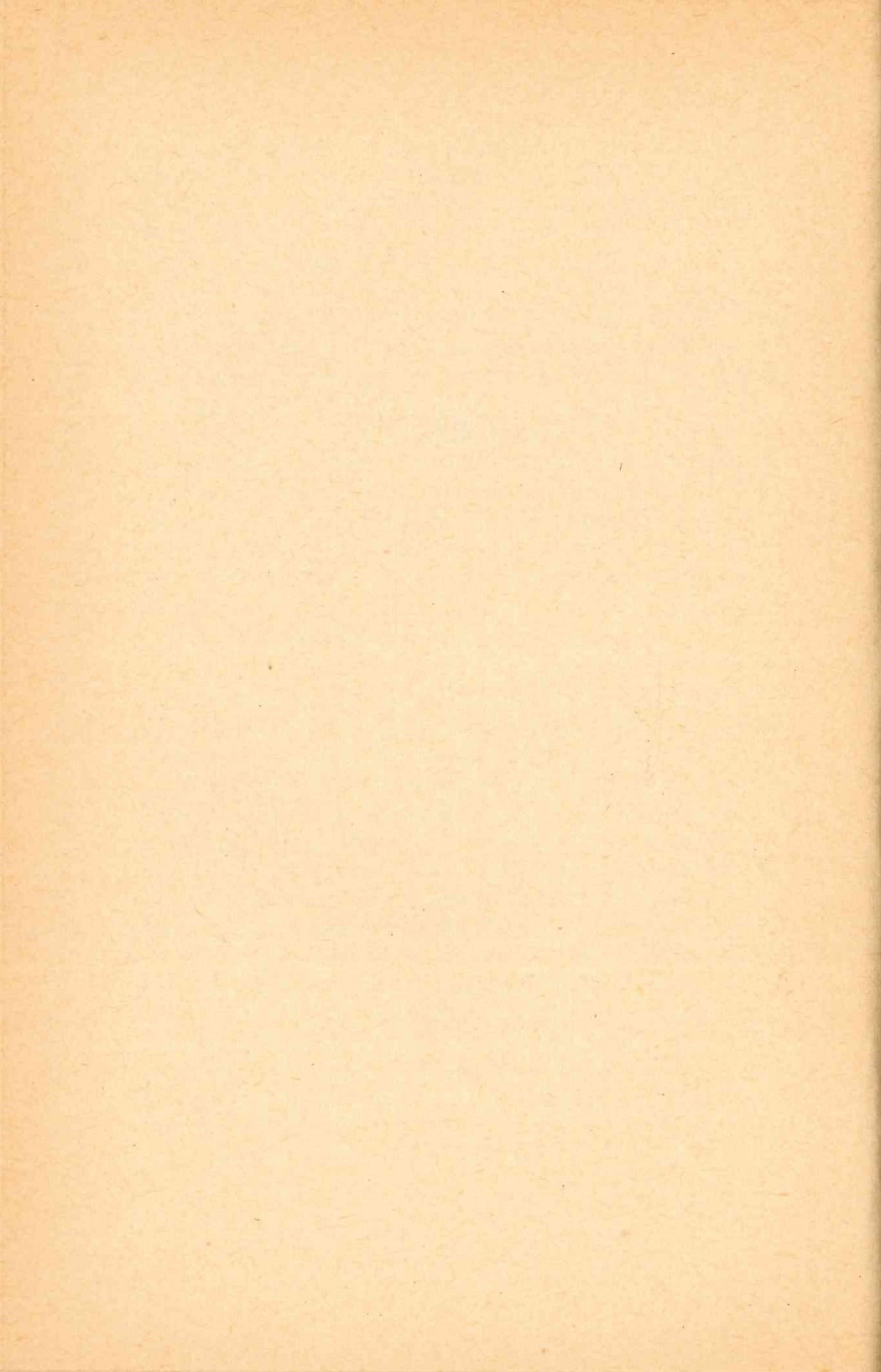
Vacances; vestidos; o mar e o carro; e francos-escudos ... E Maria sonha. Maria Ernestina, moça cantadeira. 'Nestina da Estrada. 'Nestina da Amélia. Maria Ernestina, criada de hotel. Hotel de Paris.

Maria para aqui ... Maria para ali ...

Maria ligeira. Maria calada. Maria saudosa. Maria que sonha.

Maria sòmente.

O EMIGRANTE



Há muito a noite descera sobre a herdade. António da Bouça, deitado, só, não conseguia dormir. Mais de um ano tinha passado e parecia-lhe ter sido na véspera que deixara a sua aldeia, tão presentes tinha na memória todos os pormenores da partida.

Viera em busca de um ganha-pão mais rendoso que o ingrato amanho dos campos da sua aldeia, uma aldeia como tantas outras, perdida no Minho verde e luxuriante e que ele, desde pequenino, se habituara a percorrer e a amar.

Uma a uma, as imagens da despedida vieram até ele. Parecia-lhe ver ainda a mãe atenta, preparando os farnéis, enquanto o pai o fitava gravemente; em seu redor havia como que uma expectativa que o amarfanhava. Despediu-se. A mãe beijou-o mais uma vez, dando-lhe conselhos, enquanto o pai ficava firme, e depois encaminhou-se para a estrada à espera da camionete, que chegou por fim. Subiu, sentando-se num banco junto da janela.

Novas ondas de lágrimas correram:

— Boa viagem! ... Adeus! ... O Senhor te leve a salvamento! ...

— Adeus! ... Adeus! ...

A camionete arrancou e, apressada, atravessou a aldeia. António da Bouça, estonteado, com a alma abismada em tristeza e ao mesmo tempo ansiosa, via ficarem para trás as veigas e os campos de lavradio, os pinhais onde as

rolas cantavam e os choupos e salgueiros que ele tanta vez escalara buscando ninhos.

Via ficarem para trás caminhos e árvores, tanta coisa que tinha sido testemunha da sua infância, que lhe eram tão caros afinal e que deixava, quem sabe, talvez para sempre. Todas as árvores se agitavam pelo vento fresco e pareciam dizer-lhe dolorosamente adeus.

Colou a face à vidraça embaciada e fria e murmurou: — Voltarei a ver estas terras?

Ficou olhando a aldeia, de cuja terra irrompia o verde pujante de uma natureza privilegiada e cujo ar fresco e puro vindo dos montes parecia impregnar toda a terra de um perfume de flores e de seiva de pinheiro. Olhou mais uma vez a torre quadrangular da igreja a desenharse por detrás do *écran* das árvores e que parecia olhar o longe, enquanto colunas delgadas de fumo azul saíam dos telhados vermelhos ou musgosos.

Já na vila, a camionete parou. António saiu e deu alguns passos pelo vasto largo, agora vazio e onde, nos dias de feira, ele fazia os seus negócios regateando, ora afastando-se, aparentemente desinteressado, ora aproximando-se, manhosamente, até acabar por obter o que desejava.

Agora, ali estava, sozinho, com um destino bem diferente. Na mala a sua roupa modesta e no coração um grande sonho; tão grande que nem ele próprio lhe conhecia os limites.

Dirigiu-se à estação dos caminhos de ferro. Depois de ter esperado longos minutos, o comboio apareceu resfolegante e vigoroso ao longo das linhas brilhantes, até que parou obediente. O rapaz entrou e tomou lugar junto da janela, vendo a estação afastar-se lentamente. Alheio à paisagem que se desdobrava iluminada pela luz suave, crepuscular, pôs-se a seguir os seus pensamentos desordenados. Imaginou grandes cidades, grandes quintas, muito maiores que a Quinta da Torre.

A noite invadia a pouco e pouco a terra. Alheio, o comboio continuava correndo imperturbável, enquanto a Lua aparecia já no alto, correndo também ou escondendo-se para voltar a aparecer cada vez mais brilhante entre nuvens errantes do céu.

O comboio parou por escassos minutos e depois retomou a sua corrida através da aldeia, que a Lua iluminava de vez em quando. Quando e como regressaria?

Olhou o céu já pontilhado de estrelas. Depois fechou os olhos, procurando dormir.



António da Bouça chegou à velha cidade de Pau em pleno dia. Ansioso, olhava com curiosidade as casas um pouco diferentes daquelas a que estava habituado a ver nas cidades do seu país.

Depois ficou parado na avenida olhando os cumes dos Pirenéus, brancos de neve, da neve que ele raras vezes tinha visto.

Quando chegou ao seu destino, escurecia.

A casa da herdade era baixa e larga, coberta de telhas escuras. Estava encostada contra o talude, como a proteger-se do vento.

António da Bouça olhou o largo terreiro, onde as cabeças dos cavalos espreitando pelos postigos das cavaliças lhe causaram, de súbito, uma saudade esquisita dos bois amarelos e pachorrentos que o ajudavam no amanho das terras. Sem querer, a lembrança da sua casa invadia-o lentamente, ressoando na sua alma como um pranto.

Ao lado das cavaliças ficavam os quartos dos trabalhadores. O que lhe destinaram consistia numa divisão de tecto baixo com traves velhas de madeira de castanho duro e escuro, e seria partilhado com outro trabalhador que falava uma língua que ele não entendia.

Poisou a reduzida bagagem e olhou curioso as duas camas de campanha que constituíam toda a mobília da dependência, e depois seguiu o companheiro, obediente ao sinal que ele lhe fez.

Atravessaram o pátio e dirigiram-se à casa principal onde o apresentaram ao patrão que o mirou com curiosidade. Depois de algumas palavras, que ele não percebeu, fizeram-no entrar numa espécie de sala onde lhe indicaram, por gestos, que se sentasse à mesa, junto de outros trabalhadores. Serviram-lhe, assim como aos restantes, sopa de toucinho e queijo.

António da Bouça tentou comer, mas a comida, de sabor estranho, enrolava-se-lhe na boca e mal a podia engolir. Subitamente teve saudades do pão de milho e do caldo de couves a fumegar na tigela. Desistiu de comer.

Estava sozinho no extremo da mesa, enquanto na outra ponta os trabalhadores falavam entre si rindo e olhando-o de esguelha. Procurou alhear-se dos que o rodeavam, sem o conseguir. Ignorava o que eles diziam, mas adivinhava que se riam dos seus gestos acanhados.

— Que terão eles, para se rirem tanto? — pensou.

Sentiu o sangue ferver dentro dele. Ia abrir a boca mas conteve-se. Que podia dizer? Eles não o entenderiam ... Cerrou os punhos com força e levantou-se para se retirar, mas, sem querer, tocou com o cotovelo no prato, que caiu ao chão e se estilhaçou fragorosamente. Sentiu-se corar. Procurou justificar-se, falar, fazer-se entender, mas, em dado momento, sem saber como, encontrou-se no terreiro, meio tonto, com as ideias desconexas, enxotado pelos risos e pelas palavras que ele não entendia. Sentia a cabeça vazia como se as ideias lhe tivessem fugido todas. Dirigiu-se lentamente para o quarto e atirou-se para a cama. Apetecia-lhe fugir.

Uma dor indefinida invadia-o juntamente com uma raiva amarga contra si mesmo, fazendo-o amaldiçoar a sua decisão de ter abandonado a aldeia.

Sùbitamente rompeu num choro rouco, desconsolado, de raiva e de saudade, até que adormeceu pesadamente, vestido, sobre a cama.



Os dias, ali, eram uniformes, passando devagar e as semanas arrastavam-se lentamente, até se transformarem em meses.

Só de longe em longe podia ir à missa à Igreja mais próxima e que distava largos quilómetros.

Assim, tinha de olhar muitas vezes para um pequeno calendário de bolso que trouxera e refazer cálculos para se convencer de que aqueles dias em que o trabalho abrandava eram domingo.

As casas e as gentes eram raras, e nessa solidão um sentimento misto de angústia e de saudade envolvia-o totalmente por não poder estar noutro lado.

Logo depois de escaldante Agosto o tempo começou a arrefecer. O sol já não queimava mais e, embora límpido, era cada vez mais frio até que só muito raramente aparecia.

Pelas madrugadas os cumes das serras cobriam-se de densa neblina, que, com o romper do dia, se arrastava pela terra dentro e ficava longo tempo por entre os picos dos montes, e breve a neve começava a cair com abundância. O ar então era cinzento e tudo era cinzento sobre a camada de neve caída. O vento empurrava aos sacões os flocos de neve, que ficavam pendurados nos ramos descarnados das árvores.

O frio era tanto que António da Bouça precisava de se sacudir para desentorpecer.

Como eram diferentes aqueles meses de Inverno dos invernos da sua terra, onde o sol brilhava e o vento frio do norte parecia morno, comparado com os ventos que ali sopravam!

Quando se arrastava penosamente pelo vasto terreiro coberto de neve recordava com saudade a velha casa, em cuja lareira crepitava, alegre, o lume que iluminava a cozinha e desenhava sombras que bailavam de encontro às paredes de escuro granito.



Mais uma vez estavam na Primavera. Largo tempo tinha passado desde que deixou a sua aldeia.

Nessa manhã António da Bouça encaminhou-se para os campos, onde as cenouras vicejavam. Como a maior parte das vezes, trabalhava sozinho. A manhã era fria. Não se via vivalma, e o vento, uivando, parecia ter acentos estranhos.

Começou a mondar as cenouras, automaticamente, enquanto o seu pensamento lhe fugia para a aldeia longínqua. Parecia-lhe ver as searas verdes ondulando ao vento manso, as borboletas e os tira-olhos esvoaçando caprichosos por sobre o ribeiro: — todo o maravilhoso mundo da sua infância com todos os sonhos imensos.

Endireitou-se e ficou a olhar a linha do horizonte. Para que lado ficaria a sua terra?

Aquele sol que brilhava timidamente por sobre os cumes das montanhas iluminava também os campos viçosos que ele deixara ...

Ficou longos minutos evadindo-se até à sua casa. Estavam na época das grandes sementeiras do milho e da batata. Sentia ressoar na memória a recordação das vessadas. Viu a campo da Arroteia coberto de erva rasteira a ser revolvido pela lâmina brilhante do arado, enquanto ele seguia atrás segurando com força a rabiça e animando com a sua voz possante as duas juntas de bois que o puxavam calmamente:

— Eh Marelo! ... Eh Cabano! ...

Lavandiscas saltitavam, travessas, ao lado dos bois. Mulheres picavam as leivas, com as sacholas, em movimento cadenciados, enquanto a irmã mais nova guiava os bois ao longo dos sulcos já abertos e outra os acompanhava tangendo os bois.

Continuava em sonhos junto dos seus e parecia sentir nas mãos as hastes robustas do arado, enquanto um sorriso feliz lhe iluminava o rosto queimado pelo vento que soprava vindo da montanha.

— Eh!

António voltou-se bruscamente e viu o feitor que se aproximava, esbracejando encolerizado. Procurou justificar-se mas imediatamente se lembrou de que ele não o compreendia. Subitamente sentiu-se mais ferido pelas palavras que não entendia mas cujo sentido adivinhava pela dureza com que eram proferidas.

Por fim, ele afastou-se e António ficou só, à sua volta só o silêncio da terra, ausente de vozes humanas, de vozes que ele entendesse. Debruçou-se sobre a terra mondando penosamente as cenouras.

Aquele berro arrancara-o bruscamente aos seus sonhos e atirara-o, agora, para uma ordem de pensamentos graves e dolorosas saudades. Empanara-se-lhe o dia com um véu repentino de tristeza.

Amaldiçoou o seu destino e viu, afinal, o que era — um pobre deslocado que nunca encontrara ali um lugar para viver. Quanto tinha sofrido em todo aquele tempo! Quantas vezes lhe apetecera fugir, mas acabava sempre por ficar tratando daqueles campos desertos que não amava.

Que lhe faltava, afinal, na Pátria? Sacrificara toda uma vida serena, sem razão, em troca de quê? Ainda que conseguisse juntar uma fortuna, que fortuna poderia compensar o viver longe da terra em que nascera e fora criado e onde as pessoas falavam como ele e agiam e encaravam os acontecimentos do mesmo modo?

«Por que não hei-de regressar?» — pensou.

De repente, viu de novo a sua aldeia, ouviu falar os homens no adro pelas manhãs de domingo, ouviu as raparigas cantando pelos campos ...

Mas, como um aguilhão, surgiu-lhe o pensamento de que eles o esperavam, mas esperavam vê-lo regressar com dinheiro. Por momentos fechou os olhos. Depois pensou na velha casa que deixara e recomeçou a arrancar as ervas com força como se lhes tivesse raiva.



António chegou à fronteira de Portugal ao fim da tarde. Feliz, olhava as pessoas que, subitamente, se lhe tornaram familiares.

«Amanhã, por esta hora — pensou — já estarei em casa.»

Conhecidos e amigos haviam de querer saber como eram essas terras onde ele labutara.

— Ganhaste para o resto dos teus dias! — diriam ...
E ele havia de sorrir sem confirmar nem desmentir:

— Não são más terras, não senhor!

— Vens de vez?

Ele encolheria os ombros como quem não tem uma certeza, embora soubesse que não voltaria.

Aquela era a sua terra, de gente rude, com os seus defeitos e qualidades, com quem podia conversar sem medo de que se rissem dele.

Era a antiga vida que ia retomar, uma vida cheia de espinhos, mas espinhos que feriam menos que a saudade imensa que sofrera naqueles três longos anos de ausência, longe da terra para onde voltava sequioso de paz.

AMANHÃ

Amanhã tudo será diferente.

Já hoje o é, a repousar no seu antigo quarto de solteiro, com a palavra mágica a bailar-lhe no cérebro, a latejar-lhe nos ouvidos, nas veias das mãos crispadas.

Amanhã tudo passará a ser mais diferente ainda, quando tomar o comboio em Campanhã, a caminho de Lisboa, e depois outro que o levará para longe, quando outros rostos o rodearem, outros gestos, outras palavras, outro clima.

Amanhã tudo será diferente, como diferente já foi o decorrer dos dias ansiosos, febricitantes, em que nada o deteve. Nem o choro da mulher, nem o cansaço, nem sequer os pessimistas que lhe vinham falar de mil agruras em pátria de língua tão diferente, que lhe vinham falar, sobretudo, das dificuldades da nova profissão, tanto mais que ele não tinha as mãos endurecidas, nem sequer calejadas, nem preparadas para tais tarefas, já que desde a adolescência foi barbeiro e, mais tarde, funcionário.

Funcionário modesto numa repartição do Estado. Barbeiro nos subúrbios, para gentes que, depois das sete horas, vinham até ele cortar os cabelos ásperos e sujos de pó.

Mas cortar cabelos não compensa, materialmente. Não compensa como não compensavam as seis horas diárias de pequeno funcionário. Se a mulher, ao menos, trabalhasse ... Mas ela apenas desejava ser como a mãe — ordenada, económica, desexovalhada, mulher para ficar

em casa a cuidar do filho, a cuidar da casa, a cuidar do seu marido.

E porque ela era económica e porque ele tinha duas profissões, pôde, a pouco e pouco, ir comprando electrodomésticos e outros objectos, confortos que jamais experimentara.

Mas isso nunca o satisfez. Queria mais. Queria os *maples*, as carpetas, os adornos que gritam nas montras da Baixa portuense. Queria e quer, sobretudo, o carro, já que tirou a carta de condução e a sente pesar-lhe na carteira, inútil, acusatória da sua mediocridade.

Quer, sobretudo, o carro tanto mais que o irmão há já muito que o tem, assim como boa casa e, possivelmente, conta bancária.

Mas o irmão, que tem agora oficina própria, traz as mãos duras, calejadas, as unhas tão quebradas e sujas de óleo como quando era operário numa oficina de reparação de automóveis. E igualmente duras e calejadas são as mãos da cunhada, que veste de ganga e pinta automóveis como qualquer homem.

Talvez que ele pudesse seguir as pisadas do irmão. Mas ele sempre gostou de camisa limpa, calças vincadas. Por isso foi barbeiro. Barbeiro e funcionário.

Ele não seria capaz de vestir fato-macaco, de andar pelas ruas sujo de óleo e tintas. Sempre ali, na vila, apareceu no café de mãos limpas, fato escovado, calçado lustroso. Não gostaria de ver a mulher desgrehada, suja, como a cunhada. Não seria capaz de suportar os olhares trocistas dos colegas da repartição, dos amigos do café, dos conhecidos.

Só uma solução, portanto, teria: ir para fora.

Primeiro pensou na França. Mas a França já deu o que tinha a dar. Só a Alemanha valia ainda a pena. Mas ir para a Alemanha, clandestinamente, nem pensar. Providencial foi, portanto, o encontro com o amigo que tinha um parente na Alemanha.

A partir daí, tudo foi fácil: contrato para operário numa fábrica de fundição chegado através das vias competentes, a documentação, os exames médicos, as formalidades.

O mais difícil foi convencer a mulher, calar as suas lamentações e protestos, convencê-la de que podia, mais tarde, ter dias mais felizes, ainda, que aqueles seus dias calmos de agora, cheios dos risos do menino, das traquinices do menino. Mais felizes ainda que aqueles longos minutos, à janela, o menino lavado, tudo em ordem, à espera dele, a casa pequena mas airosa, cada vez mais alindada.

O mais difícil foi convencê-la. Mas conseguiu-o.



Agora que já arrumou todos os assuntos, que já se despediu da clientela da barbearia, só lhe resta esperar que esta longa noite passe, já que não consegue dormir.

Sente a seu lado o corpo morno da mulher, que respira brandamente e se volta para ele murmurando qualquer coisa no sonho. Passa-lhe o braço por cima do peito, aconchega-se a ele, meio adormecida. Ele não se mexe, para não a despertar. Não suportaria, de novo, o choro dela, que será redobrado quando ele partir.

Ela, agora, já aceita ir com ele, uma vez que ele não quer ficar. Com ele e com o menino. Mas o menino é um estorvo. Por isso o menino ficará com a avó. Ela irá sem o filho, para mourejar com ele, para o ajudar a conquistar a sua carta de alforria, a abastança, a independência.

Acabaram-se-lhe já as tardes calmas, sentada na varanda, ao sol com o seu *crochet*, as pequenas conversas com as vizinhas.

Desfeita a casa, ei-la de novo em casa dos sogros, como nos primeiros tempos, que mulher bonita de vinte e poucos anos não deve viver sozinha ... E, além disso,

viver com os pais é economizar. E eles, agora, têm de economizar. Economizar muito.

Não vai já com o marido porque ele receia as primeiras dificuldades, as piores. Mas irá. Em breve. Trabalhar com ele, numa fábrica qualquer, ou, talvez mesmo, em serviços domésticos. Também, como ele, há-de calejar as mãos, vestir de ganga, partir as unhas, encardi-las, deformá-las, para, um dia mais tarde, as trazer bem envernizadas, a deslumbrar antigas vizinhas e amigas.

Ela resistirá, como resistia aqui, quando ele lhe sugeria um emprego. Ela resistirá ainda um pouco mais, não há-de querer ir sem o filho, não há-de gostar de alugar os braços que nunca foram alugados. Não há-de facilmente esquecer as tardes brandas, o *crochet*, as vizinhas, os longos minutos de espera, à tardinha, na janela, à hora de ele chegar.

Mas irá. Em breve. Para trabalhar. Nem que seja à força!

Está resolvido a tudo.

Agora que deixou o emprego, que se despediu de colegas e amigos, que desfez a casa alindada a pouco e pouco, só a Alemanha tem sentido.

A Alemanha, com os seus marcos, as suas fábricas, a sua grandeza, as suas promessas.



Lá longe, na matriz da vila, o relógio bateu três horas. Algures, um galo cantou. Logo outro respondeu. E ele sem dormir. Não consegue. Amanhã, por esta hora, já não repousará nesta cama macia. Já não terá a seu lado o corpo da mulher.

Amanhã, dormirá em Lisboa. E depois, no comboio. Duas noites. Finalmente a Alemanha, com os seus marcos, as suas fábricas, as suas promessas. Promessas em que não deixou de acreditar, apesar dos pessimistas que lhe

vinham falar na dureza dos trabalhos de fundição, do ritmo frenético das fábricas alemãs, das suas mãos sem calos, que os trabalhos da fundição irão esfolar até sangrarem, apesar dos pessimistas que lhe vinham falar do frio, do nevoeiro, do sol mortiço, da neve.

Que lhe vinham falar em incompreensão, exigências, humilhações, no clima agreste, no trabalho duro e mais agreste ainda, nas faltas cometidas, inadvertidamente e dificilmente desculpadas pelos patrões.

Que lhe lembravam que ele teria, talvez, morto de cansaço, de cozinhar para si, de lavar, de arrumar, que lhe lembravam muitas coisas mais a que não queria nem podia prestar atenção. Ele tinha, ele tem, de acreditar, acima de tudo, que a Alemanha é a chave que lhe abrirá portas até aqui fechadas, que a Alemanha é a palavra mágica que traduz a satisfação de muitas aspirações, tantas que quase nem sabe já defini-las.

Imagens, baralham-se-lhe na mente. Projectos. Sonhos. Sonhos tão grandes que mal lhe cabem no peito. Sonhos intensos que calarão dúvidas e receios, que lhe darão novas forças para abafar a angústia da partida e da separação de todo o seu velho mundo.

Amanhã tudo será diferente.

Já hoje o é, a repousar no seu antigo quarto de solteiro, os móveis para ali amontoados, à espera que ele volte com dinheiro para montar um negócio (talvez um café) e para de novo ter uma casa sua mais confortável, mais rica, e, sobretudo, um carro vistoso, de boa marca.

As horas arrastam-se. O filho volta-se na camita. A mulher acentua a pressão do braço. Talvez esteja acordada. Talvez pense, também, na Alemanha que a espera com as suas fábricas, os seus frios, os seus temores.

A Alemanha, terra de promessa, com os seus marcos, a sua indústria, a sua grandeza.

Amanhã tudo será diferente.

Amanhã ... Amanhã ... Amanhã ...

UMA PEDRA NO LAGO

O acontecimento caiu sobre a aldeia, dominou a faina dos campos, sobrepôs-se ao receio de que as chuvas de Junho estraguem o vinho, derrubem ainda mais o centeio, apodreçam a batata à espera de ser colhida.

O acontecimento sacudiu a aldeia, divertiu as moças, encolerizou os velhos e indignou as mulheres que não são novas nem velhas.

O acontecimento caiu sobre a casa de João Campinho e a casa parece de luto. A casa de ordinário alegre, caiada, virada ao sul. Casa ampla de granito, a resistir, há perto de dois séculos, a ventanias e granizos. Casa com bons cómodos para os donos, para o gado e para as apeirias.

Por isso Manuel da Moleira a desejou e o sogro viu com agrado esse desejo. Por isso Manuel da Moleira foi para França, para que, um dia, a casa venha a ser só dele. A casa, as hortas, o campo de Gramosa, a bouça do Olheiro.

Por isso o velho voltou a tomar conta da filha — vinte anos roliços e galhofeiros — para melhor a guardar das bocas do mundo, bocas danadas sempre à espreita de mulher nova, com homem na França.

Por isso o velho fez questão de apadrinhar o neto e passou a trabalhar nos campos com novas forças, feliz por saber que, quando fechasse os olhos, a casa e tudo o mais continuaria em boas mãos, em gente do seu sangue. Que o velho tem mais filhos: um na G. N. R.; hoje

aqui, amanhã acolá. Outro, carpinteiro, anda nas obras lá para Lisboa. Por lá ficará. A filha mais velha, mal casada em França; pataca ganha, pataca batida. Não pode, portanto, contar com eles.

Por isso este genro lhe agradou. Pensou até em deixar-lhe os terços ou mesmo a meia acção. Questão só de ir ao notário pôr o preto no branco. O genro apercebeu-se. Por isso lhe deixou o filho e a mulher-moça à sua guarda. Por isso a mulher-moça deixou de deitar cantigas ao ar, deixou de rir e folgar por feiras e romarias. Que folgar e rir por feiras e romarias é só para as solteiras e nem para todas.

Mas Abril veio. E, com ele, os ventos carregados de pólen, os insectos doirados, os ninhos nos ramos cobertos de folhagem tenra. Abril veio e, com ele, Zé Malhas, que entende a voz do vento carregado de pólen, que sabe escutar a música dos insectos, de flor em flor, e o borbulhar da seiva nos troncos rejuvenescidos.

Zé Malhas, sempre à mercê de aventuras que o levam da aldeia, sempre a regressar à aldeia no fim de cada aventura. Zé Malhas, com filhos e mulher. Filhos moicanos como o pai; mulher cada vez mais seca e derreada no granjeio de pão para os filhos.

Zé Malhas, a gastar o punhado de notas que sempre traz de cada aventura, em passeios por feiras e romarias: Sameiro, Cruzes, Feira Grande ...

Zé Malhas, que sabe falar doutras terras onde há montanhas azuis furando as nuvens e planícies imensas com rios de águas preguiçosas e mares bravios como ninguém dali já viu. Zé Malhas, trazendo mil mundos nos olhos mais fundos que os mares e rios que já atravessou. Mais negros e impenetráveis que noite sem lua.

Abril veio e com ele Zé Malhas a oferecer ajuda ao velho. Zé Malhas, em que a aldeia não confia e de quem João Campinho não desconfiou.

E tudo aquilo acabou por acontecer. Em segredo. Mas tudo se soube. Tudo se vem a saber! E Zé Malhas fugiu. Fugiu mas ficou Maria Rosa para apanhar pelos dois. Do pai.

Maria Rosa doente na cama, há mais de oito dias. Doente de vergonha, dizem uns. De medo, dizem outros. Doente e moída pelas pancadas do pai, afirma a aldeia. Que um homem, mesmo velho, ainda pode ter forças para quebrar os ossos a uma «cadela saída» como ela.

Seja do que for. A aldeia está suspensa e cada dia se interroga: — «Que irá acontecer?» Manuel Moleira regressará para vingar a afronta?

Ninguém sabe. Sabe-se que já por ali andaram os irmãos, sachola ao ombro, lódão na mão, à cata do Zé Malhas. De lódão e sachola, que navalha não usam. Não são homens de navalha. Nem de copos. Gente de trabalho, isso sim. E de vergonha. Nunca tiveram arma de fogo. Nem sequer uma velha caçadeira. Para eles, a arma é a sachola ou o machado, nas horas livres da fábrica. E isso chega muito bem para desafrontar o irmão, que lá longe trabalha duro para ganhar os francos sonhados, ou, até, talvez nem ganhe tantos quantos sonhara ganhar.

Por ali andam eles, rondando, de noite, a porta de Zé Malhas, enquanto as mulheres ficam em casa rezando pelos maridos. Rezando e amaldiçoando essa «cadela saída» que desgraçou o marido e talvez desgrace os cunhados.

Velho João Campinho nunca mais foi à venda, nem à feira. Apenas à missa dos domingos, mas é o último a entrar na igreja e o primeiro a sair. Nunca mais ficou de conversa pelo adro. E a mulher, se tem de lavar no ribeiro, fá-lo de madrugada.

A aldeia continua suspensa. Dão-se opiniões. Os homens exigem: «Que eles sejam severamente castigados, para exemplo de todos. Para que novos casos não surjam. Para que os de fora não se rião dos homens da freguesia. Para que a freguesia não seja uma terra de

cucos, como aconteceu aos de S. Bento.» Por isso as mulheres novas apagam qualquer traço de garridice. Garridice, só para solteiras.

Os dias passam.

Passam e nada mais aconteceu ainda. Os cunhados de Maria Rosa desistiram, por agora, de rondar a porta de Zé Malhas. Quem pode saber onde pára, a esta hora?

Velho João Campinho já vai saindo para o campo, a mondar o milho em companhia da mulher. Mas mal correspondem aos bons-dias pressurosos que lhes vêm dar. Não falam nem olham a direito para ninguém.

Maria Rosa já vai assomando à porta da cozinha, rosto embiocado, olhar esquivo, gestos lentos.

A aldeia, nas missas de domingo, já desistiu de esperar pela homilia, na esperança de ouvir o padre falar de mulheres perdidas que desgraçam os homens que longe trabalham. Mulheres sem sentimentos, piores que cabras do monte.

Mas o padre continua a manter silêncio sobre o que aconteceu. Parece preocupado. Talvez traga consigo outros problemas ou, talvez, tenha pena do velho. Seja pelo que for, não aludiu, nem de longe, ao acontecimento e o povo anda intrigado.

Recordam-se factos passados há mais de vinte anos. Citam-se exemplos. De novo se fala em Adelino do Alto, que perdoou à mulher, mas, mal voltou as costas, ela tornou à vida de antigamente, mas para pior: — «Vaca do monte sem touro certo», lá para Famalicão ou Porto.

Mais dias passam. Manuel Moleira não regressou. Talvez nem regresse. E é o que ele faz melhor. Que matar só Deus. E um homem, desgraçar-se por uma mulher que nem é mulher nem é nada, é asneira. É asneira!

E até pode ser que ele, mais tarde, venha a perdoar-lhe. Já se têm visto casos que dão para bem. É questão de ela não dar mais cabeçadas. Trabalho naquele lombo é do que ela precisa. E vai ter. Ai vai, vai! Que os dinheiros de França acabaram-se e o pai é homem de vergonha. E de pulso, quando quer! Era a mais nova ... Estragou-a o mimo.

As opiniões e as hipóteses vão-se esgotando a pouco e pouco.

As chuvas voltaram e com elas o receio de que as colheitas se percam definitivamente. O acontecimento já não tem a importância dos primeiros tempos, tanto mais que a ameaça dum mau ano agrícola paira sobre os campos. As rugas de preocupação acentuam-se, ao olharem os sinais de míldio a alastrarem de dia para dia.

As rugas de preocupação acentuam-se e já mal se fala no acontecimento. Fala-se, sim, nos prejuízos que vão ter. O acontecimento, esse, já pouco interessa à aldeia.

João Campinho também anda preocupado. Por isso já se atreve a levar a filha para o campo, rosto escondido sob o chapéu de palha. Já a obriga a carregar à cabeça cântaros de calda bordalesa, a carregar, às costas, a máquina de sulfatar.

Trabalho! Trabalho no lombo é do que ela precisa. De resto, a aldeia já pouco se interessa. Só estranha, ainda, o silêncio de Manuel Moleira. Nem uma carta, nem recado dele, chegou ainda, que se saiba ... Mas só isso a preocupa, ainda. Que mais uns tempos e nem isso a preocupará.

Mais uns tempos e a aldeia vai deixar completamente de se interessar. Ao fim e ao cabo ela não foi a primeira nem há-de ser a última. E, de resto, ela já está a amargá-las. Já toda a gente a viu derreada, o dia inteiro, sob o peso da máquina de sulfatar. Derreada, suja, embiocada.

Desgraçou o homem dela, que as pague — é o que a aldeia exige, ainda. E ela está a pagá-las. Ai está, está!

Que o velho, mesmo velho, ainda tem pulso para ela. Tem! ... Se não é ver como ela passa agora pelos caminhos, se é obrigada a passar: furtivamente, sem arre-
biques nem luxos, emagrecida, silenciosa.

Sempre silenciosa e fechada.

A VELHA SENHORA

Fatigada, enterrara-se na poltrona desbotada, encostando a cabeça ao espaldar. Um desejo enorme de dormir fazia-lhe piscar os olhos como um cão velho. Acomodou-se um pouco e, com as mãos cruzadas no regaço, deixou-se cair num torpor agradável, mas breve a voz veio até ela, alterada, alarmante, logo seguida dum silêncio profundo que pareceu pesar, subitamente, por sobre as coisas.

— Minha Senhora, o papagaio!

Sem se atrever a fazer qualquer pergunta, levantou-se com esforço apoiando as mãos trémulas nos braços da poltrona e encaminhou-se com passo incerto pelo corredor, atrás da criada, enquanto uma enorme angústia a fazia sentir-se desamparada. Como um pessoa que cai por uma ravina e desesperadamente tenta agarrar-se a qualquer coisa, também ela tentava agarrar-se à esperança de que talvez não houvesse motivos para receios.

Chegou junto da varanda onde a ave passava os dias de sol. A gaiola estava agora vazia e, junto dela, com a ave morta na mão em concha, a neta não se atrevia a erguer o olhar comovido para a avó.

D. Maria Dolores apoiou-se, trémula, contra a parede desbotada deixando cair, ao longo do corpo, os punhos abertos. Sentia-se gelada. Através da janela aberta viam-se olivais cinzentos, vinhedos, uma ou outra casa. Pinheiros esguios abriam-se ao sol e as suas agulhas tinham reflexos

metálicos, desenhando-se como silhuetas esbeltas contra o céu azul, mas tudo isso estava enevoado pelo pranto que lhe velava os olhos.



D. Maria Dolores tinha quinze anos quando deixou o Brasil. Os seus olhos de negras pupilas aveludadas enchiam as órbitas dum brilho profundo. De proporções miúdas, tinha um caminhar pausado e leve, como certas aves, e um modo dengoso e doce de falar.

Tocava piano como a maioria das meninas ociosas do seu tempo, deixando os dedos correr graciosamente pelas teclas, emitindo sons que lhe excitavam ligeiramente os nervos.

O seu olhar era sereno, vindo de longe. Os gestos lentos, permeados de espiritualidade, acompanhavam, por vezes, as palavras ditas numa voz grave, envolvente.

Filha de emigrantes espanhóis, nascera e crescera em terras do Leste brasileiro. Cedo ficou sem pai e, mais tarde, a mãe ao contrair segundas núpcias dera-lhe um padrasto português, que breve as trouxe para a sua terra natal, aquela pequena e fria cidade minhota, que, saudoso, ele jamais deixara de recordar.

Mal tivera tempo de criar amizades com meninas da sua idade, quando conheceu o que havia de ser seu marido e de quem a mãe e padrasto lhe falavam como sendo um homem encantador, rico, viajado e que proporcionaria um nível de vida invejável à mulher que escolhesse para esposa.

Mais velho que ela vinte e cinco anos, conservava ainda, na figura elegante, nos gestos e no sorriso, uns restos de sedução, e ele surgiu aos seus olhos, não, por certo, sem um pouco de encanto, embora fosse um encanto que a não fazia palpitar. O que unicamente a atraiu foi encontrar nesse homem recém-chegado do Brasil, onde per-

manecera trinta anos, alguém que trazia na voz o sotaque doce do seu país natal, alguém que lhe sabia falar dos poentes tropicais, dos cafesais a perder de vista, dos rios que cachoavam por entre a vegetação densa e colorida, onde pássaros de plumagem brilhante cantavam ao amanhecer.



Assim, em menos de dois anos, saltou do Leste brasileiro para a cidade portuguesa de Barcelos e de Barcelos para as faldas da serra do Marão, adoptada pela sua nova pátria, com uma nova nacionalidade. Podia ter recusado o casamento, porém era tímida, fraca, sem confiança em si própria. Deixara-se dominar pelo que seria seu marido, como sempre se deixara tyrannizar pela mãe e pelo padrasto.

Fora tremendo e inesquecível o arrastar dos primeiros tempos, saciada a curiosidade que a paisagem diferente lhe havia suscitado. Cada dia que passava mais sentia pesar-lhe o exílio naquela terra onde os frios eram prolongados.

Os seus olhos, habituados à luz quente dos trópicos, difficilmente suportavam as agruras das neves resplandecendo no cimo das montanhas. Nas noites em que nevava com abundância e o vento uivava pelas serranias como lobo esfaimado, punha-se a imaginar a calma das noites tropicais com os seus pequenos ruídos característicos, a sua temperatura amena, o seu céu estrelado.

Via-se ali, na casa que era sua, como uma hóspede estrangeira, um ser à parte, uma espécie de planta tropical, incapaz de desabrochar à vontade entre aquelas paredes, uma planta a quem faltavam as necessárias condições de existência. Não conseguia interessar-se pelos acontecimentos que tinham por cenário o vale produtivo ou as montanhas áridas. As lides domésticas não lhe despertavam também qualquer entusiasmo.

Vagueava pela casa por entre móveis antigos que nada lhe diziam e aos quais nenhuma recordação a prendia, parecendo-lhe, por vezes, que os antepassados do marido a olhavam com hostilidade, lá do alto, gelando-lhe os ombros como uma chuva miudinha de Inverno.

Ainda tentou fazer-se amar pelos que a rodeavam, mas em vão. A sua natureza concentrada não lhe permitia, apesar dos seus esforços, abrir-se ao contacto com esse mundo tão diferente e que não lhe agradava.

Assim, os seus olhos não podiam ocultar o tédio quando, nas tardes de domingo, uma ou outra senhora da vila, acompanhada do marido, os vinha visitar. Instalavam-se na sala de visitas e as horas arrastavam-se em conversas insípidas, das quais ela saía saturada, nauseada, pela imbecilidade pretensiosa de algumas delas. Sentia uma espécie de desprezo por aqueles falsos preconceitos, aquelas coisas inúteis que ocupavam um lugar importante nessas existências convencionais. Ela e as pessoas que a rodeavam eram duas coisas distintas que não podiam emulsionar-se de maneira a fazer um todo. Tal como a água e o azeite, separavam-se depois de, por momentos, se terem misturado.

Deste modo, à medida que se sentia mais oprimida pelas limitações que a pequena terra lhe impunha, mais experimentava a necessidade de recordar a terra natal.

Procurava, então, isolar-se nos seus sonhos e as imagens jorravam de todos os recantos da sua alma. Na sua mente, a terra onde nascera e se fizera mulherzinha enchia-se de beleza: jardins desabrochando em flor, o sol espelhando-se nos canaviais, que o recebiam festivamente, agitando as folhas.

Parecia-lhe ouvir ao longe os carros de bois gemendo sob o peso da cana madura para os picadeiros. Tudo o que via ou ouvia ecoava nela seres e coisas diferentes do que na realidade via ou escutava. O som dos sinos ressoando ao longe, o cantar de certos pássaros pelas manhãs, os

ruídos e tonalidades de várias horas do dia, tudo era associado às imagens que povoavam os seus pensamentos. Às vezes deixava-se ficar à janela que abria sobre o vale, os longos olhos abertos, como se contemplasse uma eternidade ...

Com o decorrer do tempo e o nascimento do primeiro filho, as dificuldades foram atenuadas e as saudades suavizadas.

Outros filhos vieram e, então, dominada pelo instinto maternal, procurou submeter-se à sua nova vida, aos ditames da razão, aos seus deveres de mãe e de esposa e, quando as recordações a levavam para a sua terra natal, uma parte de si própria ficava agora ali, presa aos deveres que a nova situação lhe impunha.

Mas embora procurasse lutar um pouco, retesando a vontade que lhe fugia, tal como um bom nadador que continua a lutar contra a corrente que o arrasta implacavelmente, os seus olhos negros tinham, por vezes, a expressão de quem se afoga.

Certos dias havia em que as lembranças se reavivavam de repente e um frio intenso a penetrava. Deixando que o desânimo a tomasse, caía na contemplativa ociosidade dos primeiros tempos, o que desesperava o marido. Sentia-se, então, cansada, os braços inertes de tantos sonhos estéreis, enquanto antigas recordações, imagens imprecisas, a dominavam de novo, varrendo-lhe a alma como vagas sobre a praia.

Pensava na mãe e nos irmãos mais velhos, tão longe de si. Pensava no pai, que dormia o derradeiro sono sob a terra quente, para lá do oceano. Devaneava, lembrava sons e paisagens remotas, mas já não chorava. Sentia o coração gelado e todo o corpo entorpecido, materializado, sobrecarregado, tornando-se ainda mais silenciosa, mais distante.

As manhãs de Primavera eram claras e alegres, mas para ela tudo, nessas horas, estava triste como se não

houvesse sol. Arrastava-se em silêncio pelo casarão, onde, a seus olhos, era crepúsculo. Parecendo ignorar a presença do marido e das crianças, deitava-se cedo e acabava por adormecer.

Os dias passavam ...



Quando naquela tarde um sobrinho do marido, recém-chegado do Brasil, se apresentou na quinta trazendo como lembrança a D. Maria Dolores um papagaio, a sua emoção foi indescritível. O chão como que cedeu sob ela e teve de se apoiar a uma cadeira para que não a vissem cambalear.

Sentiu-se subitamente transformada numa outra pessoa noutra região diferente daquela terra de neves duradoiras. Algo nela despertou bruscamente.

Sem pronunciar palavra deixou-se ficar junto da ave tropical olhando a sua plumagem garrida, sentindo-se possuída duma espécie de iluminação mística.

Com o decorrer do tempo, as lembranças haviam-se tornado um pouco confusas, emaranhando-se na mente, mas agora, ante aquela pequena ave que se agitava, tudo o que fora o seu paraíso de infância estava ali. Era como se estivesse ainda recostada na antiga cadeira de baloiço, sob o alpedre, vendo os moleques correr pelas ruas poeirentas, esses moleques com quem repartia, às escondidas, os beijos que lhe preparavam para a merenda.

Também nesse alpendre havia um papagaio como aquele, com a mesma plumagem colorida, os mesmos gritos alegres, a mesma vivacidade.

De olhos semicerrados, parecia-lhe sentir o perfume das flores tropicais, parecia-lhe mesmo sentir nos dedos a macieza das pétalas vermelhas.

Esforçou-se por falar, por agradecer, mas os seus olhos tremiam. De súbito, uma vontade enorme de chorar a

tomou e, levantando-se, bruscamente, abandonou a sala ante a estupefacção do sobrinho e a indiferença do marido, habituado às «manias dela».

Muitos anos passaram desde esse dia.

Os filhos foram crescendo e o seu coração transformou-se um pouco sem que ela o percebesse. Depois, um a um, partiram e, um pouco mais tarde, o marido, mas este para não mais voltar. Quando ele morreu, houve como que uma suspensão na sua vida. Tinha-se habituado à presença dele, do seu braço protector, embora impotente para a arrancar à esfera triste e sombria dos seus sentimentos. Todo um mundo de saudades em que vivera encerrada durante tantos anos sem conseguir adaptar-se um pouco àquela vida parada, vazia de acontecimentos.

Todos pareciam abandoná-la, deixando-a prosseguir, solitária, o resto do seu caminho, como outrora ela os abandonava para se deixar absorver pelos seus sentimentos. Agora já não tinha sonhos, nem projectos, nem desejos de abandonar a terra que, por lei, era a sua e à qual se habituara um pouco.

De todos esses sentimentos só restava a sua afeição por aquela ave exótica, defendendo-a desveladamente de todos os perigos. Ela era, agora, apenas uma senhora de avançada idade, pesada, os pés deformados pelos joanetes, a mal lhe aguentarem o peso do corpo.

Quando se afastava ao longo dos corredores, baloiçando-se ao ritmo lento do seu andar arrastado e mal seguro, ninguém poderia evocar a menina delgada e leve, de olhos doces, que ali chegara sessenta anos antes.

Para os netos e mesmo para os filhos ela era apenas uma senhora educada à margem da vida, que só soubera da vida o que ela ali lhe trouxera nas suas alegrias e sobressaltos.

Uma senhora a quem o mundo não fora hostil, a quem nenhuma tragédia acabrunhara na sua vida plácida, uma

vida em condições, até, de felicidade. Estimavam-na e respeitavam-na embora a achassem um pouco fria, sem exuberâncias de avozinha.

Por vezes, riam-se dos desvelos com que a ave era tratada, essa pobre ave, da qual, naquele momento, ela não podia despegar os olhos e que tantas reminiscências acordara na sua alma.

Quando a ave adoecera, ela pedira de joelhos, mas Deus não respondera ao seu apelo e a morte viera buscar a sua presa, único elo a prendê-la ao passado distante.

Levou as mãos ao peito para aguentar a dor que, como um dardo de fogo, lhe queimava a carne, mais uma vez, e, como de costume, uma espécie de pudor obrigou-a a dominar-se, a esconder dos outros o seu sofrimento.



O sol aquecia o vale e as encostas da serra, caindo com ternura sobre as ondas de vinhedos dourados. Nos canteiros do jardim, os cravos que ela ainda cultivava, iguais na forma aos da sua terra natal mas tão diferentes, para ela, na cor e no perfume, abriam as suas corolas às abelhas que zumbiam laboriosas.

Porém, D. Maria Dolores não as via para lá da janela aberta. A dor no coração aumentava como uma bola que crescia sufocando-a, e, de repente, qualquer coisa pareceu rebentar-lhe no peito formando uma espécie de charco denso e pesado.

Sentiu que a amparavam e chamavam com angústia mas não podia responder-lhes. Quando recuperou os sentidos, estava no seu leito.

Rostos conhecidos debruçavam-se sobre ela. Quis falar, mexer-se, mas em vão. Sentia que o fim estava próximo mas não podia ter pena de morrer, talvez porque soubesse que a sua batalha, perdida de há muito, terminaria enfim.

Das vertentes altas das montanhas vinha o som agudo da flauta do pastor e o badalar dos guizos argentinos dos rebanhos que pastavam por entre matagais e urzes floridas e se sobrepunha ao murmúrio dolorido das vozes pelo quarto.

De súbito, a velha senhora experimentou uma sensação inteiramente nova que fez calar no seu corpo todo o sofrimento. O coração deixou de bater, enquanto as dores e tristezas de outrora se dissipavam como se se tivessem evaporizado.

No quarto, o rumor das vozes calou-se, de repente, e os segundos pareceram mais longos, ecoando com solenidade.



Agora, já não era mais que uma pobre coisa isolada, alheia aos que a rodeavam e que deles se afastava já.

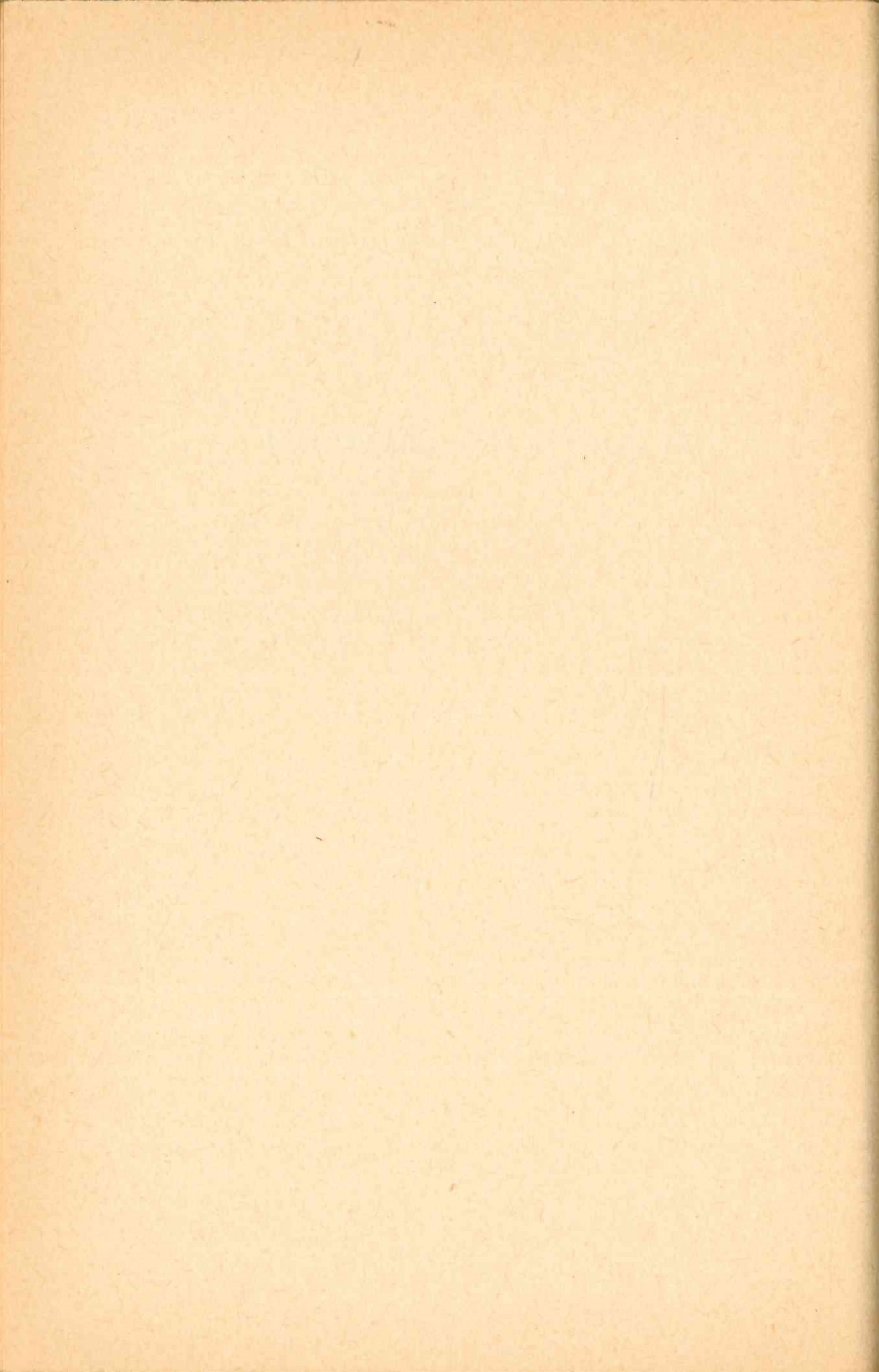
A sua alma dilatara-se parecendo-lhe que se ia erguendo, erguendo cada vez mais alto, enquanto a tarde se fundia na noite.

O seu corpo, em breve, desapareceria como tinham desaparecido já as suas ideias e ditos familiares, a sua voz e os seus gestos.



Lentamente, a noite subia como uma sombra do fundo de um poço. Fechara-se a última página duma longa e, aparentemente, vulgar história.

A SORTE DE CADA UM



Um grito ressoou na manhã cinzenta, seguido do baque surdo dum corpo embatendo no solo.

Depois, correrias desordenadas, frases gritadas em português e francês, a sirene duma ambulância, portas que se fechavam, o ruído do motor e, de novo, a sirene da ambulância enchendo a manhã e sobrepondo-se a tudo, cortante, angustiosa, veloz.

Pequenos grupos de operários deixaram-se ficar, ainda, comentando o acidente. Depois os andaimes do prédio em construção de novo se encheram de palavras gritando ordens, do tinir de ferramentas e, dominando, o ruído das gruas gigantescas com seus gestos lentos e poderosos.



José Marcelino fechou os olhos por momentos. As dores reavivaram-se, parecendo agulhas enfiadas na carne, forçando-o a contrair dolorosamente os músculos da face e a gemer baixinho.

Longas semanas se haviam passado desde que entrara no hospital, a vida por um fio.

O perigo havia sido afastado, disseram-lhe, mas as horas arrastavam-se, agora, mais dolorosas, imersas em solidão, entre pessoas que falavam uma língua estranha. Levara tempo a compreender o que lhe havia acontecido. Nos primeiros tempos, ainda atordoado, na sua memória

subsistiam apenas, duma forma imprecisa, aqueles gritos, o despenhar-se no vácuo e, mais tarde, em breves momentos de lucidez, palavras rápidas e estranhas, rostos debruçados sobre o seu, mãos que lhe seguravam o braço e lho picavam com uma agulha, lentamente, procurando a veia.

Agora, quando as dores eram menos intensas, podia já reflectir. Perdido, o olhar errava, por vezes incerto, enquanto toda a sua vida se desdobrava devagar: as horas, ainda recentes, do seu labutar nos campos do seu país e, qual sonho frágil, os cenários da sua infância, e da sua mocidade ao lançar-se na vida com ansiedade.

Desde pequeno que nutria pelos campos, por toda a terra, um amor imenso.

Era com orgulho que ele, pelas manhãs frescas de Primavera, segurava com força a grade, incitando os bois que puxavam o gigantesco pente de dentes de ferro, a alisar a terra, desfazendo torrões negros e brilhantes.

Gostava de aspirar o cheiro que ela exalava, sentir nos pés descalços a terra negra e húmida, com toda a sua frescura. Debruçava-se sobre ela e, por vezes, apanhava um pedaço dessa terra boa e ficava-se a peneirá-la entre os dedos, com uma espécie de devoção.

No entanto, partira.

Partira como tantos em busca de melhores dias, depois do último ano em que o trabalho fora árduo como sempre e particularmente infrutífero, a culminar anos difíceis de colheitas escassas por insuficiência de adubação e rega.

Desesperado, contava as moedas que lhe restavam no fim de cada colheita vendida, apartado o grão necessário para o pão de cada dia e para a semente, e verificava que, mais uma vez, os muros derrubados ficavam por erguer, e a água retida, em minas há muito obstruídas, continuava a negar-lhe o seu poderoso auxílio.

Lutou, ainda, por largo tempo, contra a ideia de partir, mas, por fim, com grande esforço, conseguiu libertar-se,

um pouco, da atracção que a terra exercia sobre ele e, sem querer confessar a si próprio receios que o atormentavam, partiu ao encontro dos dias cinzentos levando nos lábios um sorriso duro de desafio.

Não tinha medo das vicissitudes que o esperavam.

O seu corpo estava habituado a dormir em colchão de palha, nem todos os anos renovada, estava habituado a sofrer os frios das geadas que lhe enchiam os pés de frieiras e lhe gretavam a pele dos lábios e das mãos, estava habituado a labutar de sol a sol, a alimentar-se de caldo de couves e boroa que uma ou outra sardinha ou naco de toucinho amaciava.

Estava, pois, decidido a afastar dali a miséria que lhe rondava a porta, a melhorar o pequeno património que herdara de seus pais.

Breve se adaptou o suficiente para suportar os dias saudosos, que decorriam iguais e difíceis.

Trabalhava cada vez mais para mais depressa regressar e retomar a posse dessas terras que, pela primeira vez, abandonara.

Labutara nos mais diversos serviços até que se quedara na construção civil, nos trabalhos mais duros e arriscados, por serem os mais bem pagos. Trabalhava impelido por uma energia que o fazia movimentar-se como se nele houvesse uma força oculta que o obrigava a tarefas custosas e difíceis.

Sentia que falhar seria o mesmo que pecar contra si próprio e sabia que não poderia ter paz enquanto não voltasse a sentir o cheiro acre da terra, o hálito profundo da seiva, enquanto não pudesse dar à terra esfomeada e sedenta tudo o que ela lhe pedia.

Agora, ali estava num leito de hospital entre pessoas que não entendiam a sua fala e o reduziam à mais com-

pleta solidão. Através dos compatriotas que, de vez em quando, o vinham visitar, sabia que iria receber uma indemnização que lhe permitiria regressar à Pátria e realizar sonhos que trouxera consigo, ao partir. Procurava consolar-se com essa ideia, mas, no seu peito, já não havia lugar para ambições nem desejos de vencer.

Apenas pensava na família, na casa, na aldeia distante, único lugar do mundo onde desejaria morrer.



Precedido pelos filhos, que davam pequenas corridas, soltando gritos alegres, José Marcelino seguia pelo carreiro que levava ao Campo do Rio, situado nas margens baixas do rio Este, o qual, ladeado por duas filas de choupos e salgueiros com vides dependuradas, corria humilde, em direcção ao Ave.

Parou num socalco olhando o milheiral, que a seu pés se estendia loiro e tranquilo, numa tranquilidade de missão cumprida.

Uma ligeira aragem agitou as folhas do milheiral, que parecia dar-lhe as boas-vindas, num leve murmúrio, enquanto o sol se espreguiçava por toda a aldeia.

Cuidadosamente, procurou um apoio no muro de pedra solta, sentando-se com dificuldade.

Com amargura, olhou a terra, sentindo que jamais teria forças para a cultivar, jamais poderia debruçar-se profundamente sobre ela, aspirar-lhe o cheiro acre, caminhar descalço sobre a terra revolvida, segurar nas mãos calosas e possantes, como outrora, a rabiça do arado, polida pelo uso de tantos anos e cuja lâmina se enferrujava pacificamente a um canto do terreiro, esperando pela época das vessadas.

Com o tronco metido naquele aparelho que lhe coordenava os movimentos, jamais poderia debruçar-se, com gestos de ternura, a ajeitar as plantas que brotavam da terra.

Assaltavam-no mil tristes pensamentos, mas se os quisesse confessar a alguém talvez não conseguisse, tantos eram. Dirigiu em seu redor um olhar, um olhar que nada via, um olhar atormentado, embaciado pelo prato que lhe ardia nos olhos.

A tarde caía lentamente.

Meteu pelo caminho, onde, regressados dos campos, antigos conterrâneos se lhe dirigiam excitados e curiosos, ávidos de notícias dessa terra maravilhosa:

— Então, ao que parece, recebeste uma manada de contos!

— Em pouco mais de um ano, ganhaste para os teus dias!

— Ouvi dizer que já vais começar com as obras do poço grande! Muita água ali anda perdida ... Aquilo é ouro!

— Valeu-te a pena, valeu!

— E pareces de perfeita saúde! Ninguém há-de dizer que te aleijaste!

Ali, de pé, no meio dos seus antigos conterrâneos, que o olhavam com um sentimento misto de admiração e uma pontinha de inveja, José Marcelino deixava que as palavras corressem, respondendo com ar despreocupado.

Uma dor aguda percorria-lhe a espinha, e as pernas cansadas da longa permanência de pé, ameaçavam fraquejar. Um suor frio perlava-lhe já as fontes, mas ele, num esforço gigantesco, dominava-se tentando ocultar deles a sua tragédia.

Não queria expor-se à piedade dos outros, dos lavradores mais abastados da aldeia e que agora o olhavam de igual para igual:

— Uma manada de contos! Aquilo é que são terras!
Ao fim e ao cabo, tiveste sorte! — repetiu alguém.

José Marcelino fez mais um esforço para que a voz lhe
saísse segura e respondeu, sorrindo:

—Tive sorte, tive!

AO ESCURECER

Quase oitenta anos no rosto mais engelhado que batata velha. Sob o lenço espreitam umas farripas amareladas — restos do que foi a mais farta e sedosa cabeleira da aldeia.

Maria Afonsa é alta e composta. Não fora a secura de gestos, o olhar por vezes turvo, a boca seca e desdentada, que raramente sorri, e seria a velha mais bonita das redondezas.

— Estimo bem que me venha ver — afirma pela quinta ou sexta vez, enquanto os dedos deformados acariciam, impacientes, o embrulho que trouxe (ela sabe que são gulodices). — Olhe que fui eu que a desmamei — repete. — Dormiu comigo mais de cinco noites a fio! Criança mais gulosinha pelo leite da mãe, não havia ...

Cala-se por momentos. Levanta o olhar um pouco e deixa-o pousar sobre a laranjeira da horta. Uma voz de mulher enxota o galinheiro do quinteiro. Os olhos mortifcos da velha ganham um brilho de aço ao fixar a nora que ciranda pelo terreiro.

— Para aqui estou, numa tristeza muito grande — lamenta-se. — Os netos não obedecem coisíssima nenhuma. Ela podia dar-lhe uma repreensão, mas qual quê! Até faz gosto ...

O Sol inclina-se cada vez mais para os lados do poente. Consulto o relógio. Posso ficar ainda mais algum tempo,

a ouvir a voz velha dizendo dos seus desgostos. É uma vida já sem horizontes. Grisalha. Fechada.

— O meu filho? Ele chega sempre tão cansado ... E, depois, sabe como são as coisas: cobrem-se os dois com a mesma manta ... Ele não vê mais nada neste mundo. Até parece que ela o benzeu com a fralda ...

Velha Maria vive só. Vive só, na casa grande onde dez netos, o filho e a nora se agitam, se empurram, se atropelam. Vive só na casa grande, pequena agora, para tanta gente. Quando o filho casou, cedeu-lhe o quarto pequeno e a varanda, onde a nora improvisou cozinha.

Para ela, a sala, as duas alcovas com os móveis que já herdara dos pais, a cozinha espaçosa e as lojas. Senhora da casa era, senhora continuaria.

Porém, a pouco e pouco, foi-lhe cedendo o resto das divisões: a sala grande, com duas janelas envidraçadas, a outra alcova, as lojas e, por último, a cozinha espaçosa, onde há sempre um berço para um recém-nascido e outro para um cachopito que mal se tem nas pernas.

Já só lhe resta a alcova, e talvez nem esta lhe reste, pois a compartilha com duas netas. De tudo, é a cozinha que lhe deixa mais pena. No coberto anexo à casa fizeram-lhe uma cozinha com lareira e até lhe puseram um louceiro na parede, mesmo por cima da masseira. Mas ela acha-a pequena. A bem dizer, mal pode lá guardar um molhito de lenha sem correr o risco de incêndio.

Olho em meu redor: um armário negro. Negro e carunchoso. Enegrecido pelo fumo de muitas gerações. Um banco de três pernas. No louceiro, duas malgas, um copo de porcelana grossa, com asa, uma infusa cor de mel, alguns pratos velhos. Nas paredes sem reboco, cachos de cebolas e um molho de erva cidreira.

Há ainda o cântaro de barro de Barcelos e uma caçoila. Sobre o brasido, dois potes de ferro de três pernas e, pendurada no louceiro, a colher de lata, furada e velha. Tão

velha como os potes, a masseira e a cadeira que ela trouxe para eu me sentar.

Velha Maria deita-se cedo. Antes mesmo das crianças. Custa-lhe estar ali, sòzinha, na cozinha que é agora sua, a ouvir, vindos da cozinha grande, os rumores de passos, a chinfrineira dos netos, a voz mansa do filho, o tilintar de garfos nas tigelas cheias.

Impaciente, espera que a fogueira se extinga. E cospe para o lado (para cima do lume seria um sacrilégio). Cospe de cansaço e de desfastio. Resmunga. Varre as cinzas, para que os restos do brasido fiquem bem cobertos, e vai para a cama.

Só, no quarto pequeno, rezando o terço de contas negras, os seus ouvidos escutam o choro dos netos, a voz calma do filho, os cochichos dela contando para o marido os incidentes do dia.

Velha Maria reza implorando bem-aventuranças. Reza, mas Deus não ouve as suas preces — queixa-se, enquanto os olhos se lhe afundam mais no rosto embiocado.

Maria Afonsa casou há muitos anos já. Casou para viver com o marido o tempo suficiente para arranjar em cada ano um filho e, por fim, um par de gémeos. Mal recomposta do duplo parto logo ele a abalar para o Brasil, deixando-lhe a casa empenhada em muitos contos de réis e o encargo de esgravatar para os quatro filhos.

Para ali os criou, noites sem dormir, na cama grande e vazia; vazia dele, do seu homem, por quem esperara anos de angústia enquanto ele se batia nas trincheiras de França. Com quem se casara mal regressou, para melhor o tratar das mazelas que a guerra lhe deixara no corpo e no espírito. Para quem alindara, o melhor que pudera, a casa, até aí carregada de tristeza e negrume.

Viúva? Casada? Sabe-o Deus. E para quê saber a certeza? Era logo o inventário, as partilhas, os outros filhos a buscar metade do que era seu. Seu desde que, menina ainda, o herdara dos pais.

Velha Maria não gosta de recordar os dias de luta exaustiva para que os filhos (cabiam todos debaixo dum cesto, de tão pequerrichos) tivessem uma côdea de pão para enganar a fome.

Há também outros dias que ela não pode esquecer, embora não goste, igualmente, de recordar. Não gosta de abrir os escaninhos da memória. Se os abre, logo de lá saem factos acontecidos, saudades, solidão, sobressaltos e tormentos de mulher nova e bonita sem marido.

Para ela não existe calendário. Marca o ano pela passagem das luas e das estações. Nunca menciona datas. Diz, por exemplo: Isso aconteceu no ano em que ele foi para o Brasil, ou antes de o filho mais velho casar, ou pelo tempo da sacha ou das malhadas.

Em certas noites, principalmente em noites de ventania, Maria Afonsa recorda a sua vida passada, os seus mortos. É como se eles chegassem e se sentassem ali, ao redor da cama. Os pais, que mal conheceu. O irmão morto na adolescência. O seu homem no Brasil.

«Que morreu», dizem uns. Outros, os que vieram de lá, afirmam tê-lo visto, meio demente, a vagabundear pelas ruas de S. Paulo. «Foram os gases da guerra que lhe subiram à cabeça», explicam. Ao certo, não se sabe.

Ela não acredita em nada do que dizem. Para ela, ele vive ainda. Mas, embora o recorde desempenado e forte, trigueiro, como no dia em que ele abalou para o Brasil, há muito que reza por ele, tal como reza pelos pais e pelo irmão.

Logo de manhã vai à missa. Levanta-se com mil cautelas, não vá acordar algum dos netos. Procura a chave debaixo do travesseiro. Abre a porta da varanda, com mil cautelas, também, desce as escadas e já na sua cozinha bebe um gole de aguardente da garrafa que esconde no armário, mete uma côdea no bolso do avental e lá vai rilhando, mais animosa, a caminho da igreja, de conversa

com velhas comadres, o álcool a correr-lhe nas veias num calorzinho reconfortante.

Só depois de vir da missa, mudada a roupa, é que acende o lume para o café. Ferve um panelo de água (aí coisa duma malga) deita-lhe uma colher de pó, um pingo de água fria, para assentar. Depois emborça-o na malga cheia de boroa esmigalhada. Adoça e só depois se senta, à lareira, se faz frio; à porta da cozinha, se o tempo está ameno.

Com a colher vai mexendo a boroa amolecida e negra, que leva à boca em colheradas entremeadas de assopros com que procura esfriar o pitéu.

Só depois vai para o campo ou para a horta, conforme o tempo e a necessidade. Sem ajuda. Toda a manhã sozinha. Velha Maria sozinha no campo imenso. Domínio da sua solidão.

— Bem precisava da ajuda dos netos, mas qual quê! A mãe não os manda ...

E eles desobedecem-lhe cada vez mais. Já nada adianta ralhar nem ameaçar de que vai contar tudo ao pai. Às vezes, vai esperar o filho ao caminho e conta-lhe das safadezas dos netos ao mesmo tempo que pede que não conte nada à mulher. Mas ele conta. Ralha. Proíbe. Distribui sopapos pela canalhada. E então tudo fica pior.

A nora conta, pela vizinhança que ela é má como o mau dinheiro. Alcunha-a de «má rês», de «rodilhona», de «mentideira», enquanto os garotos, excitados, não perdem palavra. Sentindo-se apoiados, desobedecem-lhe cada vez mais, fogem dela, não respondem se os chama.

Arranjam mil desculpas para se escusarem a fazer qualquer recado.

Agora já não adianta usar de ameaças ou súplicas, nem mesmo de reбуçados que, como último recurso, deitou mão para os aliciar. Eles preferem as brincadeiras pelos caminhos e valados, a trabalhar para a avó a troco de um ou dois reбуçados de tostão.

Por isso ela fala só. Diz coisas amargas e duras: «Preguiceira!», «Coira!», «Mosca morta!» ... Resmunga sòzinha, olhando, de esguelha a nora, de longe.

O peito da velha está seco. Velha Maria, agora, tem no peito um pedregal árido, desolador. Um maninho. Nem seguer gato tem já, para lhe fazer companhia. Já teve um. Um gato esbelto, ágil, de pelagem densa, com quem repartia a lareira e as sopas.

Um gato que perseguia pássaros pelas árvores e pintainhos pelo quinteiro.

Por isso a nora o odiava. E um dia em que a galinha, eriçada e aflita, defendia os filhos a nora atirou-lhe com tal força uma arrochada que lhe acabou com o vício.

Velha Maria bem arremeteu em ameaças, a vingar-se no chão às bordoadas, os bofes a saltarem-lhe no peito, numa fúria descontrolada, no terreiro imediatamente deserto. Mas nada disso adiantou. Nunca mais teve gato com quem repartir as sopas e o borralho.

— Tenha paciência — digo-lhe. Mas ela não escuta. Enxuga os olhos com um lenço roto que guarda no bolso do avental. Fita em mim os olhos pardos e enevoados, os olhos que outrora tanto enfeitiçavam os rapazes das redondezas.

As mãos enrugadas, de unhas grossas e sujas, descansam por momentos, sobre o regaço.

— Aquela cara de safada nunca me enganou. Eu bem avisei o meu filho, mas os homens ... — Perde-se em amargas considerações — Não adianta falar ... Não sou ninguém nesta casa ...

Começa a chorar de novo. Que lhe posso eu dizer?

As primeiras sombras do crepúsculo invadem o terreiro. Da cozinha vem o cheiro a fumo e a resina. O bebé chora por momentos. Vozes infantis chegam até nós numa risada.

Maria Afonsa queda-se em silêncio, escutando avidamente todos esses sons, mas, de repente, parece sacudir a cabeça como que a afugentar pensamentos incómodos.

— Quando vai para o Porto? Tenho ali umas nozes ... Qual quê! — protesta — Então não havia de querer? Os netos? Ora, já comeram que chegasse, ou julga que eu tinha coragem de não os desougar a todos? Só guardei esta manadita delas para as dar a quem muito bem eu quiser.

O seu olhar pousa, por momentos, na embalagem de papel colorido, arrumada em cima da masseira.

O rosto engelhado anima-se por breves instantes. Estende o braço e os dedos, impacientes, brincam de novo com o fio do embrulho.

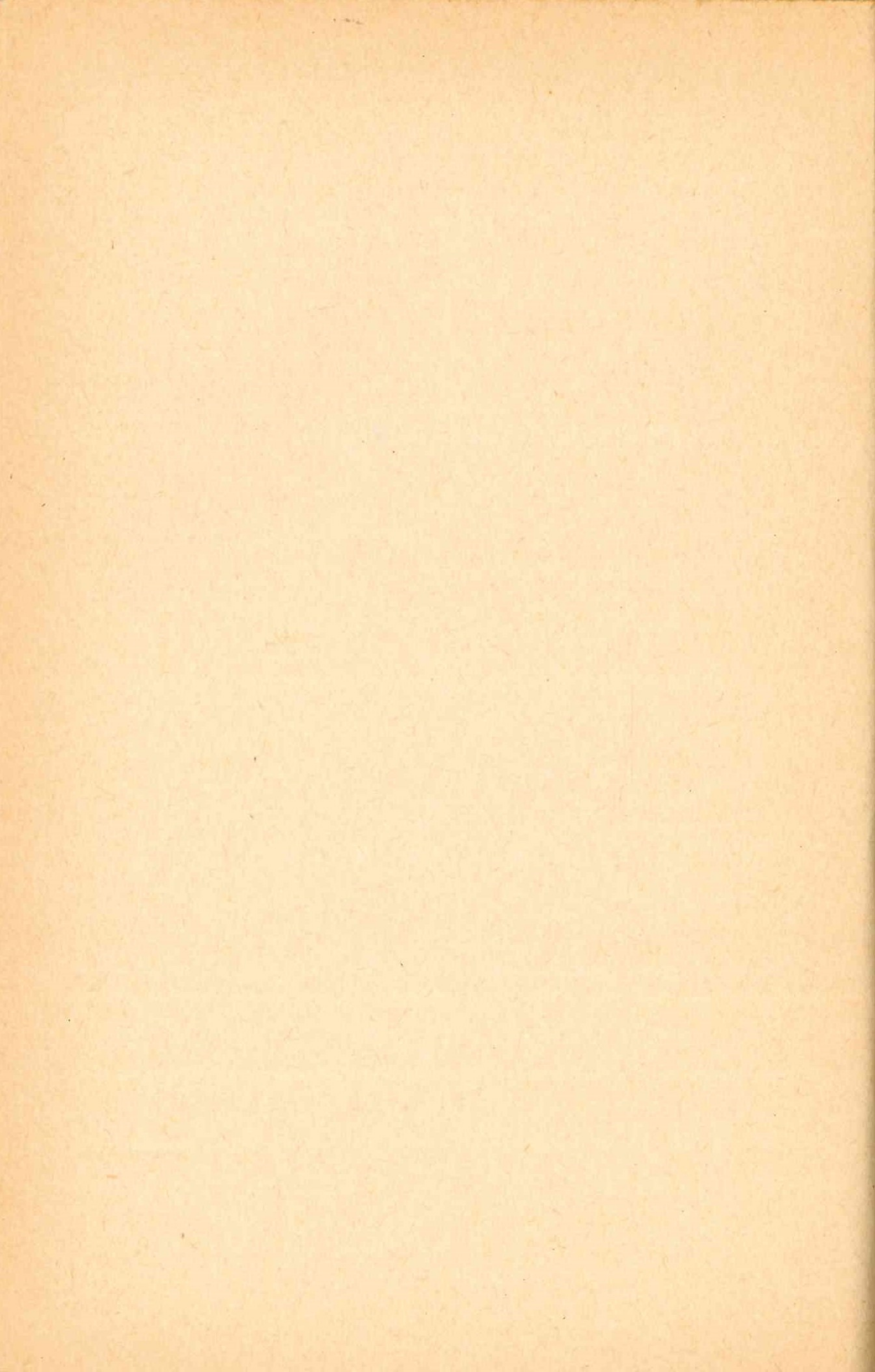
— Até depois ... — despeço-me.

Dou meia volta e atravesso o quinteiro, sem pressa, divertida, escutando o ruído do embrulho a ser desfeito impacientemente.

Do janelo da cozinha grande, três ou quatro cabeças infantis espiam a minha partida, ansiosos de, sorratamente, se aproximarem da cozinha da avó.

Eles viram o embrulho de papel colorido.

E DE NOVO PARTIU



Como muitos, Abílio da Conceição sentia que tinha de voltar a ver a sua terra e esse sentimento, apressando-se dele, obrigava-o a não pensar se não nisso, a fechar-se em si mesmo, espicaçado pela saudade e pelo desejo secreto de convencer os seus antigos conterrâneos de que não era, como tantos, um emigrante falhado.

Era um sentimento tão violento que o oprimia e o fazia sentir-se ali, na cidade estrangeira, pouco mais que um pobre diabo ao sabor dos meses que se arrastavam lentos até se transformarem em anos.

Com uma espécie de remorso, recordava tudo o que da sua terra pensara e dissera na época em que só lhe via defeitos: os horizontes limitados, os costumes ancestrais, as pequenas ambições egoístas dos seus conterrâneos.

Partira da aldeia, não como muitos deles partiam: com o corpo calejado por mil trabalhos e vicissitudes.

Partira sem possuir experiência, nem vontade férrea, nem o corpo marcado por mil trabalhos.

Filho mais novo de lavradores modestos do Minho, tinham sido para ele todos os mimos que os outros irmãos não haviam recebido, e isso amolecera-o. Para ele tudo tinha sido fácil, morno e sem cuidados, até ao momento de partir. Ingenuamente, metera-se ao mundo sem ter feito um juízo dele e depressa se sentiu perdido.

Algo de inquieto lhe pungia o coração e, perante o desconhecido, invadia-o uma mistura de angústia e de desconfiança, um receio indefinido de perigos e aventuras.

Numa reacção compreensível, sentia-se mais que nunca, atraído pela sua aldeia natal, por aquela terra para quem fora injusto, e o desejo de a rever subia cada vez mais dentro de si a ponto de o sufocar, embora soubesse que só voltaria se, com a sua presença, pudesse convencer os seus conterrâneos de que havia vencido.

E agora, ali estava, finalmente, com o seu automóvel, malas vistosas, um fato de bom corte, que exhibia ao passear pela aldeia e ouvindo, como sonhara, da boca dos seus conterrâneos, frases traduzindo admiração, curiosidade e uma pontinha de inveja, por aquela ostentação dum viver desafogado.

Quase se sentia feliz e, por momentos, procurava esquecer que o carro praticamente não lhe pertencia, que os fatos haviam sido comprados em segunda mão e as malas e lembranças adquiridas com dinheiro ganho através de mil sacrifícios e privações.

Procurava esquecer que, para juntar para a viagem trabalhara nos últimos tempos, até ao limite das suas forças, por vezes empoleirado em andaimes que lhe causavam vertigens.

Mal sabiam eles que por detrás do seu fato elegante estava toda a miséria da sua vida de desenraizado, com dias parados e cinzentos, noites dormidas no vão duma escada ou no mísero barraco em companhia doutros, como ele donos duma vida limitada, sem esperanças.



Abílio da Conceição deixou-se ficar sentado, olhando através da janela. Chovia uma dessas chuvas afiadas e limpas que não ocultam o sol, que através dela, naquele momento, brilhava fracamente.

Muitos dos emigrantes tinham regressado já ao local longínquo do trabalho, acabadas as férias pródigas de sol da Póvoa de Varzim, dos campos minhotos, das montanhas em dia de romaria. Muitos tinham já regressado, só ele permanecia ainda, parado, agarrado às últimas horas de estadia ali, com o desespero de um náufrago.

Levantou-se, abriu a janela e uma onda de ar fresco bateu-lhe no rosto. Um cheiro de terra molhada chegou-lhe às narinas. Respirou com força, olhando a paisagem.

A aldeia estendia-se a seus pés, calma e verde. Mesmo com aquele tempo tristonho, havia qualquer coisa de repousante nos campos, que se espraíavam para o horizonte num encanto íntimo que ele não se lembrava de ter notado antes.

As casas da aldeia eram velhas como outrora, mas pareciam-lhe ainda mais acolhedoras dentro dos quintais ou, como a sua, por detrás do vasto quinteiro, em parte coberto de tojo, que o portal ornado de duas argolas protegia.

Emanava de todas as casas uma paz doce e serena como uma tarde de Outono sem vento. Sem querer, sentia-se mais que nunca dominado pelo clima sereno da aldeia, pela sensação da casa que, numa nuvem de ar familiar, o abraçava com um carinho que o comovia.

A chuva tornou-se mais mansa ainda e, por fim, parou. Através das nuvens em farrapos, entrevia-se o céu dum azul lavado. Lá em baixo, no quinteiro, uma galinha rodeada de pintos amarelos, esgravatava enquanto as pequenas bolas doiradas se esforçavam por se refugiar sob as asas da mãe.

Mais além, o castanheiro erguia-se com os seus ramos possantes, esse velho castanheiro que tão familiar lhe era. «Daqui a pouco estarei longe ...». Apossou-se deste pensamento que se tornava cada vez mais forte, mais volumoso, a ponto de lhe encher o coração.

Sacudiu a cabeça como a afastar a comoção que teimava em invadi-lo. «E se ficasse?» Não. Isso nunca. Antes o trabalho ingrato, as noites geladas, a solidão, que o desprezo e troça dos que o viram crescer mimado e feliz.

Era preciso que não notassem que, ao partir pela primeira vez, ele dividira irremediavelmente a sua vida em duas partes distintas: para trás, ficava o passado fácil, morno, sem cuidados, e, na sua frente, um futuro incerto, duro, carregado de submissões.

Tinha de partir para que não soubessem que as suas mãos estavam vazias e jamais obtivera uma compensação monetária capaz, apesar de tentar adaptar-se à vida que outros compatriotas, como ele emigrantes, levavam, trabalhando mais do que as forças lho permitiam, comendo frugalmente, vivendo em barracas que se assemelhavam a pocilgas e aonde regressavam, à noite, para o sono miserável da enxerga, sob o olhar dos franceses, que o fitavam, (parecia-lhe) com complacência, divertidos, como se eles fossem animais curiosos encerrados em jaulas, no meio da sujidade.

Tinha receio do seu povo, o povo a que ele pertencia ainda, esse povo que ria com os que riam e sabia chorar, solidariamente, com os que sofriam, esse povo sempre pronto a idolatrar, mas, também, impiedoso perante mentiras e trapações e ele (sabia-o) não passava dum trapa-ceiro:

- Então ganhaste bem, ao que consta ...
- Nunca pior ...
- Pareces um fidalgo! Tiveste sorte!
- Lá isso ...
- Boas terras, aquelas! ...
- Boas terras.

Tinha de partir para que não soubessem que a sua vida, lá no país distante, fora um fracasso e que todos aqueles anos de luta mal deram para a viagem.

O prazo que a si próprio impusera, assim como aos seus, estava no fim. Era preciso que todos acreditassem que negócios importantes o chamavam, de novo, a França e o impediam, portanto, de prolongar a estadia na terra que o vira crescer e que ele amava mais do que nunca.



Torturado pelos seus pensamentos, mal dormira em toda a noite. Ficara acordado, horas seguidas, até que a madrugada lhe entrou pela janela com a voz dos pássaros cantando as matinas pelas ramadas.

A hora da partida aproximava-se. Em breve deixaria a casa, talvez que para sempre, a caminho da cidade que ele não amava e cujo ar parecia queimar-lhe o peito.

Como era diferente e incomparavelmente mais dolorosa a sua partida de agora. Anos antes, ao partir, era o mundo que se abria diante das suas esperanças, um mundo virgem com mil oportunidades de uma vida melhor que aquela, limitada e modesta, que então levava.

Agora já não nutria aspirações tumultuosas, já não desejava outros instantes, outros lugares, e o pensar nas ruas estrangeiras, por onde em breve caminharia, causava-lhe frio.

Agora sabia que o esperava, apenas, a estrada longa, fronteiras, mais estrada e, finalmente, essa cidade estrangeira, cinzenta e fria, que ele não amava.

Passou a mão pela testa como a afastar a angústia que lhe confundia as ideias. Uma grande pena invadia-o, uma pena de si próprio, uma pena enorme que transbordava do seu coração tempestuoso alagando os seus pensamentos desorientados. Sofria não só por si mas, também, por tantos que, como ele, se afundavam cada vez mais, longe da terra que o vira nascer.



Encaminhou-se para o carro, que, imóvel, o esperava sob o telheiro, junto ao portal. O velho podengo veio rojar-se-lhe aos pés como se tivesse compreendido que, mais uma vez, partia para longe o seu dono.

Acariciou-o e ele agitou a cauda, agradecido. Sentou-se ao volante depois de mais uma vez se ter deixado abraçar pela mãe. Acenou aos familiares e amigos que, solícitos, lhe desejavam boa viagem e encaminhou-se para a saída.

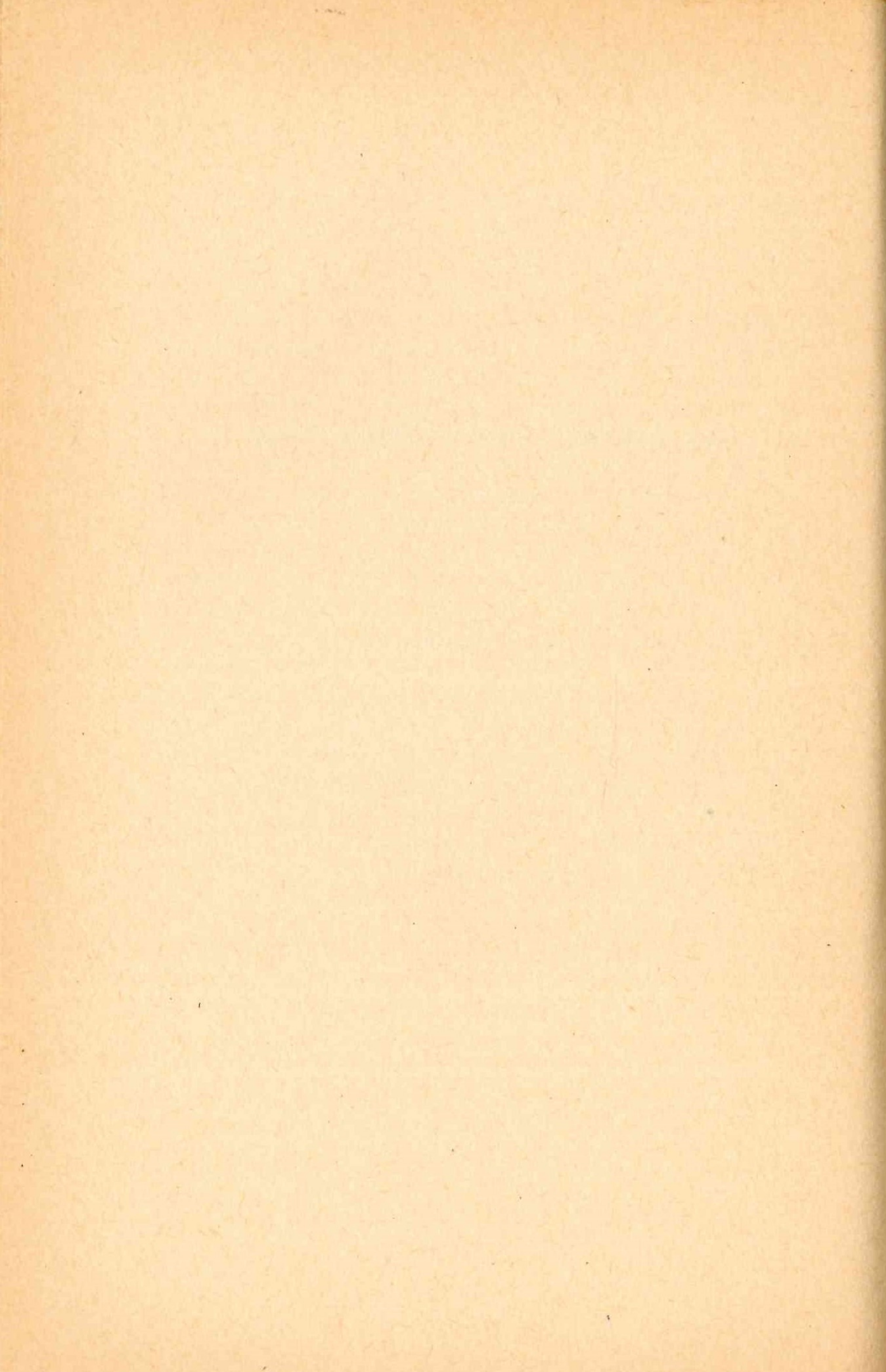
Já no caminho, principiou a rolar lentamente, enquanto, meio aturdido, correspondia aos acenos que do portal ele imaginava fazerem-lhe, em última despedida.

Já na estrada, parou por momentos a olhar todos aqueles lugares que lhe eram queridos: campos fecundos, prados reverdecentes à luz da manhã, a igreja humilde. Lá longe, brilhava um pedaço do rio Cávado. Mais longe ainda, para lá do casario, a sombra escura dos pinhais e, cobrindo tudo, a porcelana azul do céu.

Fechou os olhos por breves momentos, como a querer reter na memória toda essa paisagem querida. Sentia no rosto, ainda, o beijo de despedida da mãe, como qualquer coisa de vivo, qualquer coisa que batia asas com angústia.

Depois dirigiu o seu olhar para diante — a estrada vazia e descolorida abria-se na sua frente sempre ... sempre ... como se não acabasse mais.

O MUNDO DE CADA UM



Faço-a sentar-se, um pouco, junto de mim. Ajeita a saia remendada e suja e põe o saco no chão, junto dos pés deformados pelas pedras de muitos caminhos.

Ela olha em redor, inquieta. Talvez não confie em mim. Nunca ninguém naquela casa a tratou dessa maneira. «Uma esmolinha pelas alminhas de quem lá tem ... Pad'nosso qu'estais no Céu ...», para se retirar em seguida, repetindo padre-nossos na sua voz monocórdica e velha.

— Então, veio consoar com os paizinhos? — pergunta-me inesperadamente.

— Vim, pois! — respondo, tentando animá-la.

— Já há muitos anos que aqui venho buscar a esmolinha. Já no tempo da sua avozinha ... Mas olhe que eu nem sempre andei a pedir, não senhor! Já era a minha sorte ...

Cala-se por momentos, mas eu sei que vai prosseguir. Olho, com interesse, o rosto encardido. Adoro ouvir histórias. Escuto-as com volúpia, com manha mesmo.

— Olhe que a sua avozinha era muito boa. Eu vinha para aqui, ao jornal, e ela nunca disse mal do seu serviço. Nunca me chamou «pasmada» como as outras. E se eu às vezes ficava a olhar as nuvens mais branquinhas em feitio de pombas ou de carneirinhos a sua avòzinha nunca me ralhava.

Só perguntava: «Que estás a ver, Maria?» E eu dizia-lhe e então ela olhava muito séria, também. Era uma santa.

O povo até diz que o corpo ainda está inteirinho no jazigo. Está, não está, menina? E olhe que este jardim nunca mais andou como quando eu o tratava ...

A boca sem dentes escancara-se num sorriso.

Olho o rosto encarquilhado, menos pela idade que pelos ventos e poeiras, e fico a imaginar como seria, outrora, sadio e fresco. Vejo-a ali, a tratar da horta e do jardim com o seu ar calmo, seus gestos pausados, sem pressas nem preocupações ...

— Olhe que deve haver um par de anos! Foi pela consoada ... — diz com ar sonhador.

Espevito os sentidos.

— Quando o meu menino nasceu mandou-me lá a casa uma galinha gorda que só visto!

E não me disse nada. Andei por aí a levar ensaboadelas de quem não era melhor do que eu ... Mas a avózinha, não senhor! Só me disse que tivesse juízo pro futuro. E então disse-lhe que o Antone me havia de mandar carta de chamada e os papéis para a gente casar e ela ficou toda contente. Via-se bem que não tinha inveja de nada.

— Mas você chegou a ir para o Brasil? — pergunto, para a forçar a continuar a falar de si.

— Não, senhora. Ainda não fui, mas o meu Antone há-de vir buscar-me. É melhor que mandar os papéis. Não há como casar na nossa terra. A menina também casou cá ... — remata.

Ajeita o lenço que lhe cobre as farripas e fica-se por momentos a olhar o longe. Respeito o seu silêncio.

— O Brasil é muito lindo, não é, menina? — pergunta-me de repente. — Já lá foi, não foi?

— Não, não fui — respondo.

Ante o seu olhar decepcionado, digo-lhe o que sei, por ter lido. Ela escuta-me com interesse, durante largos minutos.

— Nunca vi o mar — interrompe-me de repente. — Deve ser assim grande como o céu, não? Mas não pode ser tão bonito! — exclama convicta. — Dizem que a Póvoa é perto, que não leva mais do que uma manhã, a pé, para lá chegar. Qualquer dia resolvo-me, mas agora não. Deve haver muito frio por lá ... Lá para o Verão hei-de ir por aí adiante, só para ver o mar!

Ajeita o xaile num gesto friorento, já desinteressada do assunto.

— Parece-me que vai estar um dia lindo! Estão aquelas nuvens muito da cor do ouro ... O meu menino tinha assim uns cabelinhos daquela cor ... Se foi na noite de consoada que ele nasceu, como é que não havia de ser bonito? Também teve o seu presépio, o meu menino deitado nas palhinhas. E como as estrelas do céu, aquelas que guiaram os Reis Magos, eram os olhos do meu menino ... Duas estrelas ali a brilhar, a alumiar a casa como se fosse dia alto!

Sempre tivera frases assim, a Maria Patareca. Principalmente desde que dera à luz. «Que fora o parto que lhe subira à cabeça», diziam uns. «Que sempre fora meio aluada», diziam outros. Os garotos chamavam-lhe a «Patareca Tola» (havia outros Patarecas da família, na aldeia) e metiam-se com ela, acirrando-lhe os cães e fingindo querer roubar-lhe o saco das esmolas onde os nacos de boroa se sujavam na terra das batatas e os feijões se perdiam entre as migalhas.

— O meu menino não era deste mundo ... — continua, depois dum curto silêncio. — As estrelas que ele tinha no rosto eram do céu e o meu anjinho foi para lá. E depois, quer saber, metiam-se comigo só porque eu não barreguei quando o levaram para o cemitério! Mas se eu tinha o meu anjinho ali à vista dos olhos! ... Era só levantar a cabeça para o céu ... E, olhe, eles não queriam crer, mas é a verdadinha pura. Ainda hoje, quando é noite, eu

vejo sempre as estrelas que o meu menino trazia no rosto, a rir ... a rir ... Eles não queriam crer e até faziam pouco de mim, mas agora já vão acreditando — repetiu. — Eu, até de noite as vejo pelas frinchas do janelo! Só os cachopos é que ainda fazem pouco e andam por aí a dizer que eu falo só! Olhe! ... — Leva a mão à testa num gesto significativo da pouca sanidade mental do garotio. — Só tenho medo é se no Brasil não vejo as duas estrelinhas que o meu anjinho tem no rosto ... Mas elas mudam-se para lá, não acha?

Que sim, aceno com a cabeça. Puxo por ela. Quero ouvir mais. Mas, de repente, ela parece estranhar o meu excessivo interesse e cala-se. Pega no saquitel, levanta-se e despede-se com certa frieza, como que arrependida das suas revelações. Dirige-se para a saída, sem se voltar. O cão arremete, esticando o cadeado. Corro a segurá-lo, mas nem sequer agradece com um olhar.

Como um autômato, transpõe o portão e atinge a estrada. Fico-me a vê-la iniciar nova caminhada, para pisar lamas endurecidas pela geada, para ouvir novas chufas do garotio, para rasgar ainda mais a saia velha pelos silvados.

Lá vai, de ombros encolhidos, o saquitel no braço, a mão livre apoiada ao bordão. Lá vai, o cérebro entontecido, perdida a noção do tempo, ao encontro do mundo que outro nunca foi senão o pedaço reduzido da aldeia onde nasceu e foi mulher.

O REGRESSO

Quando, meses antes, José Vaz ali chegou, depois de uma ausência de trinta anos, um restolho doirado cobria ainda os campos que se estendiam ao longo do vale.

Foi com um frémito de felicidade a percorrer-lhe o corpo que ele olhou a rama prateada das oliveiras agitando-se alegremente, num aceno de boas-vindas.

Extasiado, o seu olhar saltava do vale para o cume das montanhas, que rochas cinzentas terminavam abruptamente, e dos cumes para as vertentes, onde pinheiros retorcidos se agarravam, parecendo-lhe que a luz aveludada da tarde emprestava àquele quadro uma espécie de magia, com os seus raios acobreados a flutuar sobre a ramaria amarelecida das árvores de fruto.

Como tantos, ele deixara aqueles píncaros serranos na esperança de, em terras longínquas, obter uma melhor compensação para o seu labutar.

Partira quando as neves começaram a derreter à aproximação da Primavera — na mala objectos pessoais, humildes, e um contrato para trabalhar numa empresa comercial do Rio de Janeiro, e no peito uma já saudade imensa pela aldeia que deixava.

A princípio sentiu-se aturdido com a cidade que ele nunca sonhara fosse tão grande, fervilhando de actividades e gentes das mais variadas raças e origens, ao longo de ruas desafogadas.

Porém, depressa se adaptou o suficiente para se agarrar com tenacidade ao trabalho, animado por uma inquebrantável vontade de vencer. Foi um dos muitos que, anónimamente, forneceu a sua quota de riqueza àquela terra trabalhando e lutando, primeiro como empregado comercial, mais tarde com o seu estabelecimento de comércio, pequeno a princípio, sempre maior em cada ano que passava.

A imagem e a saudade da terra natal continuavam de tal maneira vivas no seu coração que todas as outras imagens empalideciam quando em confronto. Os olhos da sua alma só se abriam para a aldeia distante, lá na velha Europa, na encosta pedregosa e agreste da sua querida terra.

Pasagens diferentes, com pinheiros de agulhas brilhantes e castanheiros carcomidos; com andorinhas que viavam roçando as paredes negras das casas, essas pobres casas de granito que pareciam beber as sombras do crepúsculo.

Doces paisagens passando no *écran* da sua memória, cada vez mais aureoladas pela luz que ele lhes emprestava.

A imagem da terra, cheia de beleza, estava ligada aos remotos dias dos seus verdes anos e transfigurava-se à medida que o tempo ia passando, adquirindo uma tal doçura que nada parecia haver sobre a terra que se lhe comparasse.

Quando o calor era mais forte ou as chuvas lavavam as largas avenidas, recordava intensamente os cumes nevados da serra, brilhando ao sol frio de Inverno.

Quando olhava os moleques brincando pelas praias, revia-se criança nas brincadeiras da aldeia e parecia-lhe sentir no rosto o vento agreste da serra.

Os anos não conseguiam modificar os seus sentimentos. Sentia-se cada vez mais atraído pela terra natal, e o desejo de a rever subia cada vez mais dentro de si, a ponto de quase o sufocar. Nada o desviava da sua saudade, que,

como uma chama imóvel, continuava ardendo no fundo do seu coração. Parecia que quanto mais o tempo corria mais se acentuava nele, a ponto de o fazer sofrer, a nostalgia da terra, a terra que acolhera o seu primeiro vagido mas que fora impotente para lhe dar o necessário arrimo para viver.

De lá, iam chegando raras notícias, enviadas pela única irmã que ali lhe restava e, ao lê-las, o aposento onde se encontrava enchia-se do rumorejar de pinheiros, de cheiro a resina, de cantares da pardalada.

Mesmo depois de ter constituído família, metade da sua alma estava sempre para lá dos mares, na saudade que, como uma forte cadeia, o ligava à sua infância.

Um simples sinal de vida espontânea da Natureza — a erva que crescia por entre as pedras da rua, um cão que arremetia, um pássaro que cantava nas ramarias — bastava para fazer surgir, inteira a seus olhos, a aldeia.

Sentia cada vez mais a necessidade de partir e sofria, manietado pelas preocupações materiais da sua vida comercial e do lar, impedido de voltar ao seu amado torrão, voltar a ver seres e coisas que, ao longo dos anos, jamais deixaram de o acompanhar no seu pensamento.

Foi quando tudo se precipitou. A morte da companheira de tantos anos deixara-o desoladamente só, incapaz de suportar por mais tempo o sol dos trópicos.

Os filhos, já casados e afastados do lar, iam tomando conta dos seus negócios. Podia, enfim, pensar em regressar à aldeia.

Assim, dividiu por eles tudo o que não podia nem desejava levar consigo e, ávido de se lançar na vida livre da serra, iniciou os preparativos da partida, surdo aos conselhos dos filhos ante a inoportunidade de ir para a terra, agora que o Inverno europeu se aproximava com todos os seus rigores. Não os queria ouvir. Saturado de sol, de calor, era precisamente da neve que ele tinha

saudades. Era o vento agreste, vindo do norte, que ele desejava sentir no rosto, era a chuva fria, a tamborilar nas vidraças, que ele desejava escutar.

E assim partiu numa manhã, levando no pensamento a imagem que guardava na alma, inalteravelmente fiel à terra natal.



Os primeiros dias passaram-se relativamente depressa, mas, saciada a curiosidade que a sua chegada havia despertado, o interesse das gentes da aldeia pela sua pessoa diminuiu a ponto de quase desaparecer, e ele pôde, enfim, entregar-se aos seus sentimentos e olhar calmamente em seu redor.

Inesperadamente, sentia-se confuso, aturdido, ante a surpresa de ter na sua frente uma terra quase estranha. Não sabia exactamente onde estava a diferença; apenas sentia que, da sua aldeia de trinta anos antes, pouco restava. Tudo lhe parecia muito mais limitado, vazio, sem vida.

Sentia, decepcionado, haver uma grande desproporção entre as imagens retidas na sua memória, embelezadas pelo amor e pela nostalgia, e aquela realidade.

Que fora feito da aldeia da sua infância com os seus companheiros de folguedos e os seus quatro irmãos, dos quais só restava aquela mulher envolta em trajes de viuvez, escanzelada, precocemente envelhecida?

Era essa mulher macilenta, de olhos inexpressivos, desinteressados, aquela menina corada que enchia a casa com as suas risadas?

Por onde andariam os seus irmãos, que partiram depois dele, para países onde se falavam línguas estranhas?

Essa casa com o seu perfume a maçãs, vasos de cravos nas escadas da varanda e a sua grande lareira, que amornava a cozinha e tornava tudo mais íntimo, mais acolhedor, onde estava?

Seria possível ser aquele tugúrio fumarento, sem comodidades, onde os primeiros frios penetravam já?

Ao longo de trinta anos ele tinha erguido os seus sentimentos, em relação à aldeia, a uma tal altura, que era impossível mantê-los ao mesmo nível perante a realidade. E, assim, ao retomar o contacto com a sua terra, as primeiras impressões teriam de ser decepcionantes.

Quando nevou a primeira vez, ao ver os flocos de neve volteando no ar como pétalas, pequenos e leves, sentiu uma grande emoção invadi-lo. Estava ali a neve da sua infância, a neve que ele jamais vira durante a sua longa ausência. Porém, à medida que o Inverno prosseguia, já não encontrava nela o mesmo encanto.

Grossos lençóis de neve estendiam-se pelas vertentes afastando todos os sinais de vida e nas noites longas ouvia-se, por vezes, o uivar dos lobos esfomeados.

Acumulada sobre os telhados, dava à aldeia encardida um aspecto mais cuidado mas, também, mais solitário ainda, e a casa parecia, então, mergulhada no silêncio. Só se ouvia, de manhã à noite, o murmúrio fatigante do vento.

José Vaz começava a sentir cada vez mais lastimável aquela sua vida de calma e custava-lhe suportar os dias vagarosos a arrastarem-se ao peso dum grande cansaço, nos braços parados, enquanto a vida se escoava numa sucessão interminável de dias inúteis.

Agora já não olhava a terra com os olhos das primeiras horas. As nuvens e a incomodidade da aldeia revelavam-se-lhe continuamente. Até o cheiro a fumo da lenha resinosa, que, ao acordar nele vagas reminiscências, o comovera, o incomodava agora, sufocando-o.

Quando chovia tudo era igualmente frio e cinzento. As noites pesavam sobre as casas numa tristeza esmagadora, com a chuva incessante como um rio metralhando as vidraças.

Nesses dias de chuva a casa tornava-se ainda mais sombria, pelas nuvens que pairavam baixas e pardacentas.

E, quando não chovia nem nevava, lá estava o vento norte açoitando os braços dolorosamente nus dos castanheiros.

Quando o tempo o permitia, passeava sozinho pelas encostas da serra, mas por vezes parecia-lhe que o vento ao fustigar-lhe o rosto lhe amarfanhava os pensamentos, desviando-os do rumo que lhes queria imprimir e que, maldoso, lhe fazia sentir a sua crueza a tal ponto que a imagem da sua cidade vinha até ele em clarões fugidios, como se o tentasse.

O Inverno arrastava-se penosamente num ritmo interminável. Quando parecia que ia findar recomeçava de novo, fazendo-o sentir-se decepcionado e, ao mesmo tempo, triste. Viera para ficar, mas, sem o querer confessar a si próprio, reconhecia que era já com dificuldade que suportava toda aquela solidão.

Todos os seus sonhos e projectos haviam sido gorados. Viera para ficar, mas era já com dificuldade que suportava o frio e toda a incomodidade da paisagem agreste. Todas as saudades haviam morrido e já nada o prendia ali. Não sentia nenhuma curiosidade e os recantos da terra natal que, durante tantos anos permaneceram no seu espírito, deixavam-no agora indiferente. Sentia-se cada vez mais desenraizado em relação aos seres e coisas que formavam a aldeia.

Depois do vazio decepcionante dos últimos meses, depois de tantos anos em que se preocupara principalmente com a existência passada, forçando todos os outros sentimentos, depois de tantos em que se sentira continuamente amargurado pela lembrança da terra distante, eis que surgia agora, ante os seus olhos, um desejo impreciso de retomar a vida que deixara, a vida que não quisera mais aceitar e entregara nas mãos dos filhos.

Agora que matara a saudade já nada o prendia ali e a ideia de partir começou a surgir cada vez mais nitidamente no seu pensamento obrigando-o a decidir-se e admirando-se de ver como o coração estava calmo e sereno ao pensar nos preparativos duma partida.



Caminhou mecanicamente deixando que as pernas o levassem até à estrada onde o carro de aluguer o esperava já. Algo de indefinido lhe punha o coração.

A partir de agora a sua vida ficaria irremediavelmente dividida em duas partes distintas: para trás ficava o passado de sonhos e projectos, de caminhos bem delineados de vontade de vencer, e, na sua frente, um futuro baço, limitado, vazio.

Sentia, duma maneira vaga, que não era mais que um pobre diabo a quem a torrente da vida varria, agora, como uma palha, ao sabor de meses que se arrastariam lentos, até se transformarem em anos.

Encaminhou-se para o carro de aluguer, que, imóvel e silencioso, o esperava junto à berma. Retribuiu o adeus interesseiro dos que lhe haviam carregado a bagagem e lhe agradeciam a gorjeta recebida.

Meteu-se no veículo.

Acenou uma última vez, correspondendo aos acenos que lhe faziam. Depois, olhou mais uma vez a encosta da serra e o casario negro. Fechou os olhos por momentos, como a querer reter na memória toda essa paisagem que ele durante tantos anos embelezara e guardara no coração.

Em seguida dirigiu o olhar para a frente, para a estrada deserta que se desdobrava diante dos olhos descolorida, vazia, interminável ...

SOLIDÃO

Abriu as portadas das janelas a fim de expulsar daquela parte da casa, poeirenta e solitária, que ninguém utilizava, as sombras, e logo réstias de luz, onde a poeira bailava, entraram desenhando no soalho charcos amarelos.

Através das portas entreabertas das alcovas, as camas, de velhos enxergões de palha, mostravam-se em toda a sua nudez, à luz doirada da tarde.

Pairava em toda a sala um leve cheiro a pó e teias de aranha que as réstias de sol não conseguiam atenuar.

Voltou-se para a janela e ali se deixou ficar, olhando os campos que se estendiam até à orla escura e maciça do pinheiral. Sentia-se dominada por invencível cansaço.

— «Estarei doente?» — pensou.

Uma estranha lassidão tomava-a toda como se não pudesse suportar o ar parado na casa deserta. O silêncio reinava à sua volta de tal modo que a atormentava numa espécie de angústia e impressionava profundamente, sob uma opressão semelhante ao desespero. Se gritasse, sentia-o, o grito morreria na casa deserta. Vagarosamente, aproximou-se da cómoda, caminhando em bicos de pés, como se receasse o barulho que faz despertar as sombras.

Abriu uma gaveta, ao acaso, embora soubesse que nada continha que lhe pudesse falar dos filhos.

Pensou na Maria, no Tone, no Zé, em todas essas vidas que andavam tão longe do seu bem-querer. Onde estariam àquela hora? Que fariam? Seriam felizes, ao menos?

Tentou imaginar, por momentos, como seria essa França de quem a aldeia inteira tanto falava e por quem os seus filhos se deixaram atrair, uns após outros, essa França que tanto modificou os seus filhos, a ponto de mal os reconhecer, quando, de férias, ali permaneciam por breves semanas, ostentando a todo o momento ideias e hábitos inéditos para ela.

O olhar ausente vagueou em seu redor. De tudo o que a rodeava erguia-se um silêncio atroz que a deixava mais só ainda e a levava a evocar, melancolicamente, dias remotos.

A sua mocidade tivera a duração das rosas e logo, como todas as da sua condição, o corpo se começara a mirrar, a deformar-se por sucessivas maternidades, a labutar dia e noite, o cesto ou cântaro à cabeça, pés descalços, as mãos com que ganhava o pão de cada dia cada vez mais negras e duras.

Assim fora a sua vida.

Anos e anos curvada sobre a enxada, suja de suor e de pó, enquanto o marido, longe, procurava obter mais facilmente algo que lhe permitisse uma velhice sem preocupações.

Assim fora a sua vida.

Anos e anos criando filhos e mais filhos para a emigração, para a saudade, para a dor.

Pensou no marido. Como sempre, desde que ficaram sós, ao mais pequeno pretexto ausentava-se em demanda de feira ou romaria, donde regressava noite alta, o rosto congestionado, os olhos piscos, um soluço de bebedeira a sacudir-lhe os ombros de vez em quando. Parecia-lhe,

só de imaginar, sentir no rosto aquele hálito avinhado que a enjoava.

Lembrou-se, de repente, que ainda mal comera, embora a tarde fosse adiantada, mas não sentia fome. Apenas um enorme cansaço. Pela primeira vez, desde há muitos anos, quedou-se em frente do espelho mutilado da cómoda poeirenta e olhou fixamente a imagem reflectida — uma mulher consciente das agruras da vida, um rosto magro onde as maçãs do rosto sobressaíam ossudas e onde a pele sem cor murchara já.

Os grandes olhos, que em tempos haviam sido negros e brilhantes, eram agora pardos, fixos e indiferentes como os das lebres, e os cabelos, outrora fartos e macios, apresentavam-se grisalhos e enfraquecidos.

Impiedosamente, analisava, pela primeira vez, as rugas, a carne flácida, a boca murcha e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Sentia-se desesperadamente só, perturbada e miserável.

Um novo arrepio veio sacudi-la, mais violento que há pouco. Abatida, sentou-se numa cadeira enquanto no silêncio da tarde domingueira só o mesmo cantar ecoava monótono — o cantar da rola, solitário e triste.

Agora a aldeia já não era para ela a aldeia dos campos verdes, a aldeia da sua mocidade, bela, sadia, amiga. Para ela era, agora, apenas a aldeia dos caminhos desertos, da noite mais noite, que, passando, levava mais tempo a passar.

A tarde ia adiantada. Pardais principiavam a sair das sombras e voavam de encontro ao sol. E Rosa pensou que tinha de acender o lume e cozinhar uma refeição, mas não se decidia. Não tinha fome. Sentia, apenas, uma grande secura na garganta, parecendo-lhe que o céu da boca se tornava duro, áspero e seco.

Encheu uma tigela de vinho e bebeu. O vinho como que emperrou na garganta e depois escorregou suavemente. De novo bebeu, mais devagar que anteriormente.

Em breve a sede a assaltou de novo e bebeu outra golada e mais outra ainda. Um calor suave começou a percorrer-lhe as veias. Dirigiu-se para a varanda. Sentou-se nas escadas e colocou a caneca e a tigela a seu lado.

Na sua frente, Rosa via os pinhais negros e poderosos. O sol chamejava ainda e ela verificou, de repente, que afinal era agradável estar ali, gozando a brisa que soprava dos lados do poente. Deixou-se ficar, na tarde calma, sonolenta, protegida pela sombra da ramada que há dezenas de anos enchia o terreiro de frescura e através da qual, em alguns pontos, o sol desenhava no chão formas misteriosas de artista raro.

Olhou a caneca já menos de meia. Sabia que se bebesse mais um pouco de vinho este lhe subiria irremediavelmente à cabeça. Mas ao mesmo tempo que dizia, de si para si, que não lhe devia tocar, a sua mão rebelde levou-lhe a tigela à boca e o vinho esvaziou-se-lhe para a garganta, que se contraiu deliciada.

Do lugar onde se encontrava divisava, ao longe, o rio Este, correndo por entre duas filas de salgueiros, esse rio onde os filhos se iam banhar em tardes domingueiras como aquela.

Por que razão a ausência dos filhos não a fazia sofrer agora? Tudo lhe parecia diferente, mais alegre, mais luminoso, como quando era rapariga e esperava ansiosa pelas tardes de domingo.

Invadia-a um sentimento singular que não tinha nome mas que lhe dava uma satisfação indefinida. Parecia-lhe que uma estranha luz brilhava diante dela e que daí em diante tudo seria fácil e belo, enquanto uma súbita simpatia a ligava, agora, às coisas que a rodeavam.

Sentia-se leve como se se elevasse no ar e a sua cabeça parecia um balão que tivesse fugido da mão que o detinha. Numa estranha sensação de irrealidade parecia-lhe que toda a varanda levantava voo como um pássaro.

Tinha a impressão, por vezes, de estar numa região cheia de nevoeiro, a girar lentamente, em seu redor, num atmosfera fofa e escorregadia. Envolvia-a uma espécie de encantamento e uma satisfação de si própria e como que indulgência para com os outros.

Ao longe, o sol do fim da tarde incendiava os montes enquanto a ramaria negra dos pinheiros se recortava no céu. Já não distinguia bem casas e árvores. Tudo era longínquo e sublime. Uma espécie de barreira separava-a dos objectos e em vão estendia os braços para lhes tocar.

Os movimentos eram diferentes do que ela pretendia, mas isso, em lugar de a afligir, divertia-a a tal ponto que ela soltava, de vez em quando, pequenas risadas que mais se assemelhavam ao cacarejar duma galinha.

Sentia estranhos formigueiros na garganta e apeteia-lhe ainda beber um pouco mais, mas, junto dela, a caneca estava vazia e, para a encher, teria de descer à adega. Desistiu.

Perdera a noção do tempo. Apenas ia tomando consciência de que a noite se aproximava rapidamente e que tinha de se levantar dali. Ergueu-se a custo. Amparando-se às paredes para não cair, entrou em casa, lutando por atingir a alcova.

Sentou-se pesadamente no leito. Os membros pendiam-lhe, inertes. Toda a tensão que sentira desaparecera completamente perante aquela doce e feliz lassidão. Estendeu-se na enxerga e ficou imóvel.

Os seus pensamentos tornavam-se cada vez mais vagos e imprecisos. Tentou ordená-los um pouco, mas não sabia se o que a rodeava era sonho ou realidade, e qualquer coisa a impedia de perguntar a si própria. Abandonou-se completamente a essas sensações estranhas, sentindo-as vagamente naquele silêncio pesado e morno.

As sombras da noite envolviam, agora, toda a aldeia.

Perdido por caminhos e tabernas, o marido ainda tardaria. Mas ela não receava já o silêncio da casa nem as sombras da noite. Para ela, o dia não cairia, como de costume, pesadamente, à hora do crepúsculo e, embora tudo continuasse silenciosamente em seu redor, aquela calma sabia-lhe bem, como se a noite fosse um berço maravilhoso.

Ficou ainda uns momentos de olhos abertos.

Depois, as pálpebras baixaram-se flacidamente e adormeceu, por fim, enquanto a noite se estendia, pesada e morna, por sobre a casa deserta e silenciosa como um cemitério.

NUM DIA DE SOL

Cidade grandiosa. Cidade da luz. Cidade que todos desejam conhecer, cidade a morar nos sonhos de cada um.

Por isso são muitas as gentes estrangeiras que aqui se cruzam, que daqui partem, olhos cheios de maravilhas e, no peito, a alma apertada no desejo de voltar. Estrangeiros-turistas, estrangeiros-estudantes, estrangeiros-trabalhadores.

E, no meio destes, Rosa.

Rosa, de rosto ainda roliço mas menos corado e trigueiro, cabelos negros que dantes lhe chegavam à cinta e agora mal lhe cobrem a nuca.

Rosa trigueira a viver com mais duas da sua condição num quarto cinzento, quarto com janela para um saguão mais cinzento ainda. Rosa-roliça a trabalhar no *ménage*, a ganhar francos à hora, esfregando cozinhas, limpando escadas sombrias das casas de Paris.

Nos últimos anos a vida de Rosa tomou novos rumos, nos horizontes. Da moça roliça, de trança enrolada na nuca, da moça de saia justa e avental rodado, passou a *mademoiselle* Rosa, cabelo cortado e corpo menos roliço, metido num vestido impessoal, comprado numa barraca do *Marché des Pusses*.

Rosa da Eira, agora *mademoiselle* Rosa, deixou a chinela, anda de vestido, come pão fino e frango guisado.

Ja fala francês e até já «arranha» canções francesas.

Mas hoje uma nostalgia indefinida a invade.

Por que se lembra, hoje, do pão de milho, dos chicharros fritos, das azeitonas, do caldo de couves, do bacalhau e, sobretudo, do verde tinto a espumar nas tigelas de barro de Barcelos?

Hoje nada lhe agrada.

Nem o pão de trigo, alvo e estaladiço, nem a cerveja, e até os frangos de pele branco-acinzentada que ela vê à venda quase a enojam.

E, enquanto limpa o quarto de banho de Madame Bazin, Rosa relembra a casa, as ninhadas de frangos pedreses, criados pelo quinteiro, para acabarem na feira, trocados por moedas, salvo os reservados (poucos) para os dias de romaria ou grande festa. Frangos saborosos, diferentes, comidos lentamente, quase com devoção.

Rosa olha o sol bonito que hoje se espraia sobre os telhados negros.

Hoje não há sobre a cidade aquela neblina pardacenta que embacia casas, veículos, pessoas, que se estende sobre as águas turvas do rio preguiçoso, aquela neblina irritante, pegajosa, que penetra na roupa, nos cabelos, nos próprios ossos.

Ainda ontem o dia estivera assim, mas hoje está um dia de sol. E, embora o céu, mesmo com sol, não tenha a cor azul da sua terra, é bonito. Mas Rosa está melancólica. Melancólica porquê? Nem ela o sabe. Olha o sol e, sem querer, a cantiga assoma-lhe aos lábios e deixa que ela brote em surdina:

Agora é que pinta o bago

Ai agora é que anda o pintor...

Os braços ganham mais ligeireza enquanto, a pouco e pouco, a paisagem da terra a toma. Não é já o balde cheio de água que ela segura na mão. É a cesta de vindima cheia

de uvas aciduladas e tintas. Parece mesmo sentir-lhe o cheiro. Mesmo ácidas, deseja-as, de súbito.

Ali também há uvas. Ou melhor, já as há à venda. Perfeitas, graúdas, caras, bem acondicionadas em caixas. Viu-as hoje. Mas as da sua terra, colhidas pela manhã, frescas, brilhantes de orvalho, são diferentes. Estas, perfeitas, graúdas, bem acondicionadas, não as podem substituir.

*Agora é que eu vou falar
Ai deveras ao meu amor...*

Rosa na sua aldeia. Rosa pelos valados depenicando uvas negras e miúdas: borraçal ... mourisco ... espadal ... tinturão ... Em breve irá à sua terra. Com dinheiro para umas férias regaladas, passeios por feiras e romarias. Cada passeio, um vestido diferente a estrear, carteira no braço, sapatos à moda.

Agora já não será mais a Rosa da Eira que carregava, à cabeça, cestos de erva, que esfregava a casa do Ser'Antoninho da Venda, que lhe tratava da horta, do gado, das capoeiras.

Agora, quando estiver na terra, há-de ir à Venda do Ser'Antoninho mas para fazer compras, pagar com notas de cem, de quinhentos, até mesmo de conto. De cada vez, uma nota grande para pagar. De cada vez, uma coisa nova a estrear, para que a Delina a mire de lado, a examine e lhe copie os modelos.

Agora, na aldeia, já não será só a Delina do Ser'Antoninho a usar vestidos à moda da cidade. Também ela os usará, novos, vistosos, na perfeição.

Usará não só vestidos, mas também calças compridas, blusas decotadas, óculos de sol de último modelo, coisas que a Delina nunca se atreveu a usar.

Passeios, comida da boa, bem à sua moda, e francos convertidos em contos de réis para gastar à farta por feiras

e romarias. Todas a oito: — Senhora da Abadia, S. Bento, Sameiro, Senhora do Alívio.

Em breve irá à terra passear, de sapatos finos e vestidos à moda de Paris, comprados nas lojas antigas de Montmartre, ou até no *Marché des Pusses*. Vestidos franceses à moda de França.

Festas e romarias, todas a oito, para passear e ver gentes conhecidas. Não para dançar o vira ou o malhão. Não. Não dançará, como já dançou tantas vezes, no São Bento da Porta Aberta, no São João da Ponte, na Santa Marta da Falperra.

Agora já não é mais a Maria Rosa, a Rosa da Eira, de avental amplo, esvoaçando ao vento sobre a saia estreita. A Rosa de olhos matreiros, de gestos gaiatos, pés descalços, endurecidos, fortes, andar ligeiro. Rosa-pastora, Rosa-ceifeira, Rosa-levandisca.

Agora é apenas *mademoiselle* Rosa, que já sabe falar francês, que trauteia já canções francesas, que só canta as cantigas dos campos da sua terra, quando a nostalgia a invade e o coração fica triste.

Por isso Rosa repete a cantiga enquanto esfrega com força o chão de mosaico. Repete a cantiga que a cantiga ajuda a desanuviar o coração.

— Alors! ... — troveja, de repente a voz de Mr. Bazin, assomando à porta do seu gabinete de trabalho.

Rosa estaca, sobressaltada. Mr. Bazin está irritado com a cantoria de Rosa. Rosa interrompeu-o nas suas leituras e por isso ele profere palavras duras. Um rosário de palavras que não entende na totalidade, mas que a atingem.

— Pardon, Monsieur ...

Tenta dizer qualquer coisa mais, mas ele não a deixa e faz um comentário que ela não consegue entender. Os meninos riem-se e ri-se a porteira, acidentalmente ali. Até a Madame sorri, olhando-a com comiseração. As

palavras e os risos penetram-lhe o cérebro em pancadas surdas, profundas, que lhe ressoam por todo o corpo, como vergastadas.

Mr. Bazin retira-se. A porteira também. Os meninos voltam aos estudos. De novo a calma.

Só e silenciosa, Rosa recomeça o trabalho. Já não está melancólica, nem sonhadora.

Agora, com fúria inesperada, esfrega o chão de mosaico enquanto, por entre dentes, resmunga a espaços:

— Rais parta a sorte! Rais parta! ...

INDICE

O comboio correio	7
Via dolorosa	15
Maria — Maria	25
O emigrante	31
Amanhã	41
Uma pedra no lago	49
A velha senhora	57
A sorte de cada um	69
Ao escurecer	77
E de novo partiu	87
O mundo de cada um	95
O regresso	101
Solidão	111
Num dia de sol	119

Edições «PANORAMA»

FICÇÃO

AGORA É NATAL — José Maria Aguilar — *Esgotado.*

ADEUS, AMIGO! ... — Maria Irene Dionísio — *Esgotado.*

O NEVOEIRO — Mário César Ferreira — *Esgotado.*

ARAME FARPADO — Bastos Xavier — *Esgotado.*

CONDENADOS A VIDA — Cidália Afonso da Silva e Silva — *Esgotado.*

CONTOS QUE O POVO CONTA — Manuel de Boaventura — *Esgotado.*

A DERIVA — Serafim Rodrigues — *Esgotado.*

ANTI-RAZÃO — António da Cruz Rodrigues — *Esgotado.*

DIÁRIO DE UMA ENFERMEIRA DE GUERRA — Joana de Sá — *Esgotado.*

O PAU-DE-SEBO — Amândio César — *Esgotado.*

O PASSEIO DO EMIR — A. Peres Rodrigues — *Esgotado.*

HISTÓRIAS DE AMOR — Hugo Rocha — *Esgotado.*

A CHINA FICA AO LADO — Maria Ondina — *Esgotado.*

CONTOS DE ONTEM E DE HOJE — Isabel Alves de Sá — *Esgotado.*

AS ÁRVORES SECAM NOS BALDIOS — João Manuel Cupertino.

O VENTO E AS RAÍZES — Maria do Pilar Figueiredo.

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da S. E. I. T.
lisboa — Setembro de 1973

biblioteca
municipal
barcelos



27039

O vento e as raízes